



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES

DÉBORA ALESSANDRA COSTA DE OLIVEIRA

**TECNOLOGIAS DE SOBREVIVÊNCIA EM ARTE: NARRATIVAS DE UMA AMA
[DOR] A**

**BELÉM
2023**

DÉBORA ALESSANDRA COSTA DE OLIVEIRA

TECNOLOGIAS DE SOBREVIVÊNCIA EM ARTE:

NARRATIVAS DE UMA AMA [DOR] A

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa Teorias e Interfaces Epistêmicas em Arte como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia do Amaral Leão

Belém
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

- O48t Oliveira, Débora Alessandra Costa.
Tecnologias de Sobrevivência em Arte : Narrativas de
uma Ama[DOR]a / Débora Alessandra Costa Oliveira. —
2023.
99 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Ana Cláudia do Amaral Leão
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação
em Artes, Belém, 2023.
1. feminismo negro. 2. cultura periférica. 3. vida e
arte. I. Título.

CDD 700.103

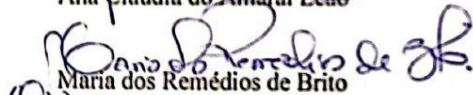


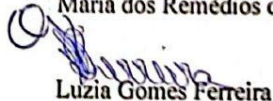
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.**

Aos quinze (15) dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três (2023), às quinze (15h00) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Ana Claudia do Amaral Leão, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Dissertação de Debora Alessandra Costa de Oliveira, intitulada: **TECNOLOGIAS DE SOBREVIVÊNCIA EM ARTE** narrativas de uma ama[dor]a. Perante a Banca Examinadora, composta por: Ana Claudia do Amaral Leão (Presidente); Maria dos Remédios de Brito (Examinador Interno); Luzia Gomes Ferreira (Examinador Externo ao Programa). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Ana Claudia do Amaral Leão, passou a palavra à mestranda, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em reprovação () aprovação (X) com o conceito EXCELENTE. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Ana Claudia do Amaral Leão agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-Pa, 15 de março de 2023.


Ana Claudia do Amaral Leão


Maria dos Remédios de Brito


Luzia Gomes Ferreira


Debora Alessandra Costa de Oliveira

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.”

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



dedico esse trabalho ao matriarcado periférico brasileiro

AGRADECIMENTOS

Durante a finalização desse projeto, me torturei pensando nesse momento, e tive inúmeras ideias e formas em que podia começar e terminar meus agradecimentos. Pensei na importância disso aqui, e em como é difícil, porque ainda estou imersa em muitas emoções e tensões para finalizar a pesquisa. Estou nessa batalha há três anos, tentando entregar esse trabalho, e caramba hein!! Tanta coisa que passei, só essa pandemia me sugou o resto de saúde emocional e física que eu tinha, com essa vida dura que vivo há tanto tempo. Em razão disso quero aqui começar agradecer e não que essa ordem de agradecimentos tenha importância afetiva inferior ou superior, como disse, é a ordem da memória mesmo, da tensão e da loucura que tem sido esse último mês na minha vida.

Quero humanamente pesar pelos que se foram, e principalmente lamentar em saber que muitos dos que se foram, foi por incompetência de um genocida que estava na presidência desse país, e que representa tudo que eu tenho repudiado durante a pesquisa. A população periférica e negra, foi a que mais sucumbiu. Uma bizarra complexidade que me fortaleceu para que continuasse pensando e pesquisando sobre a importância desse discurso que defendo aqui. Porque é por falta dele, que muitos de nós estão a mercê

de ídolos da hegemonia colonial e terrorismo mental. Quero aqui pedir que nunca nos esqueçamos disso, e para mim que passei por tudo isso nesse tempo de pesquisa, sempre será indefensável. Quero agradecer, por estar viva aqui para poder contar essas histórias para vocês. Agradeço por não ter perdido meus filhos , minha mãe e meus irmãos nessa pandemia, porque se assim fosse eu nem estaria aqui. Gratidão a minha força maior que vem dela, Mamis s2, uma imensa gratidão à minha orientadora e amiga Cláudia, que sempre me fortaleceu para que eu não desistisse. Quero agradecer a toda força espiritual que meus afetos me enviaram diariamente para que eu pudesse continuar. Agradecer por ter tido condições psicológicas, apesar de tudo, de compreender a importância desse trabalho e não desistir, como muitas de nós desistiram antes de mim, é por elas que também estou aqui. Agradeço a todas as mulheres da minha vida, e elas estarão aqui tanto nesse texto, quanto na minha memória, na minha gratidão EU SOU PORQUE NÓS SOMOS. Sou grata pela minha cota, que só foi possível graças ao meu ex-ex/atual presidente, e que maravilha que é a assinatura dele que estará no meu diploma. Grata a Capes por proporcionar uma bolsa de pesquisa mas, olha lá essa revisão nos valores bê;). Não sou grata por terem cortado minha bolsa antes do tempo, mas isso não é culpa da capes é da coordenação do programa. Capes só amor por vocês agora de 2023 para frente. Uma gratidão a pammys e vel, minhas bests que estavam até ontem nesse suporte de organização e revisão. E a todos meu amigos e família que aturaram meus surtos, loucuras e muitas ausências, aos meus ex e atuais crushes que a cada dia me mostram mais que meu caminho é só meu, numa brilhante carreira solo com participações nem tão especiais. e agradeço a mim porque sem mim eu não estaria aqui.

Aos meus filhos com muito AMOR, porque sem eles esse trabalho nem existiria, é por eles que resisto e neles que eu volto para me enxergar.

dell, zeq, e duda. i love u

RESUMO

Essa pesquisa apresenta um memorial narrativo, de ações em/com arte construída nos percursos estéticos e críticos que compõem o que eu chamo de “*Tecnologias de Sobrevivência em Arte*”, que são segundo minha proposta argumentativa coletividades que se fundamentam em experiências femininas periféricas, e principalmente de mulheres com quem dialoguei durante minha trajetória de vida/arte, assim, entendo que a partir desses processos de sobrevivência periférica que fundam e impulsionam minha criação estética em Arte. Apresento relações de interseccionalidades em gênero, classe, raça e identidades diaspóricas amazônicas que são resultado de uma vida/experiência em margens. Processos que me possibilitaram compreender uma cultura periférica de sobrevivência principalmente feminina. Assim, vou compondo as narrativas pessoais que se compreendem nas teorias de Gonzáles 1998, hooks 2013, Lorde 2012, Njeri 2019, Oyewumi 2020, Costa 2013, Walker 2021, Carneiro 2005, Piedade 2017, Akotirene 2019, Alvarez 2009, Nascimento 1994. Beatriz Nascimento que inclusive inspira algumas construções narrativas dentro da pesquisa. Apresento uma compreensão do matriarcado periférico da relação brasileira/amazônica com a ancestralidade, que afirmo nos fortalecer e nos direcionar nas formas de existir enquanto sujeitos diaspóricos. Aqui apresento caminhos artísticos construídos pelo suporte e referencial coletivo da necessidade, e de registro e visibilidade de uma rede afetiva feminina.

Palavras-chave: Matriarcado Periférico; Rede afetiva; Narrativas Periféricas; Vida/Arte; Tecnologias de Sobrevivência em Arte.

RESUMEN

Esta investigación presenta un memorial narrativo, de acciones en/con el arte construidas en los caminos estéticos y críticos que conforman Las Tecnologías de la Supervivencia en el Arte, que son, según mi propuesta argumentativa, colectividades que parten de experiencias femeninas periféricas, y principalmente de mujeres con las que dialogué durante mi trayectoria vital/artística, por lo tanto, entiendo que desde estos procesos periféricos de supervivencia que fundamentan y conducen mi creación estética en el Arte. Presento relaciones de interseccionalidades de género, clase, raza e identidades diaspóricas amazónicas que son el resultado de una vida/experiencia en los márgenes. Procesos que me permitieron comprender una cultura periférica de supervivencia mayoritariamente femenina. Así, compongo las narrativas personales que se comprenden en las teorías de Gonzalés 1998, hooks 2013, Lorde 2012, Njeri 2019, Oyêwumí 2020, Costa 2013, Walker 2021, Carneiro 2005, Piedade 2017, Akotirene 2019, Alvarez 2009, Nascimento 1994. Beatriz Nascimento que incluso inspira algunas construcciones narrativas dentro de la investigación. Presento una comprensión del matriarcado periférico de la relación brasileño/amazónica con la ascendencia, que pretendo fortalecer y orientarnos en formas de existir como sujetos diaspóricos. Aquí presento caminos artísticos construidos a partir del apoyo y referencia colectiva de la necesidad, y el registro y visibilización de una red afectiva femenina.

Palabras llave: Matriarcado Periférico; Ascendencia; red afectiva; narrativas periféricas; Vida/Arte; Tecnologías de supervivencia en el arte.

sumário

PRIMEIRA PARTE

prelúdio

intro [O] dução

é preciso saber de onde se vem

para saber para onde se vai

como começou

SEGUNDA PARTE

[O] matriarcado periférico

minha [S] matriarca

dor [E] silêncio

curador [A]

TERCEIRA PARTE

tecnologias de sobrevivência

narrativas periféricas femininas

narrativas coletivas

terra inundada

é o meu coração

bengola n'ativa

epílogo

bibliografia

prelúdio

Como começou [Para Eduardo Oliveira e Oliveira]

Tudo começou com Eduardo.

É preciso saber de onde se vem, para saber aonde se vai.

E eu já estava. Já não ia, nem vinha.*

<<Beatriz Nascimento>>

Como começou [para Maria Beatriz Nascimento]

Tudo começou com Beatriz.

É preciso estar atenta, para se firmar e saber de onde se vem.

poesia é espaço de quilombo, escrita de si é escrita de nós.

<<Débora Oliveira>>

PRIMEIRA PARTE

intr(O/A)dução

Introduzir é traduzir, e assim pincelar os percursos de compreensão do texto. Segundo o dicionário, é basicamente um processo de decodificação de uma mensagem de uma língua de origem para uma língua de destino. No entanto, quantas complexidades habitam o corpo de quem escreve? Essas que compõem o conteúdo textual e que intimamente aqui nessa dissertação me fez “quebrar cabeça” na tentativa de me entender pela ótica de quem estará lendo, de quanto estarei sendo fiel ao meu processo, e como ele se apresenta nas diversas pessoas que estarão lendo meu trabalho. Das incertezas dentro do que conhecia como linguagem acadêmica e o que eu estava escrevendo. Romper silêncios e trazer a minha experimentação de vida/arte, e de como ela por si É. Traduzindo nas suas complexidades da perspectiva de uma pesquisadora fronteiriça, transloca, conceito lançado por sonia e alvarez, que faz referência a translocalidades socioculturais que sujeitas possuem , devido ao seu próprio lugar social

Inteiramente impossível só se levar em conta palavras literais e desconexas de um corpo todo, de corpes assim, na tradução é essencial que se compreenda de onde vem aquele texto, o tempo, o recorte sociocultural é definitivo para o alcance do sentido de sentir, se conectar com a escrita.

O conceito de tradução – no seu sentido mais amplo, baseado num paradigma ontológico, não apenas linguístico – tornou-se fundamental para a teoria cultural, especialmente para a teoria feminista.¹ A virada tradutória, por assim dizer, mostra que a tradução extrapola a transferência de significado linguístico de uma língua a outra, buscando abranger o próprio ato de enunciação – quando nós falamos, estamos sempre já engajadas em traduzir, tanto para nós mesmas como para os outros. Se o ato de falar significa estar já engajada em tradução, e se a tradução é um processo onde o eu se abre para o outro, podemos dizer que sempre implica um deslocamento do eu. Ou seja, na tradução há uma obrigação moral de nos deslocarmos de nós mesmas para ficarmos, mesmo que seja por pouco tempo, sem lar, de forma que o/a outro/a possa residir, embora

provisoriamente, nesse nosso espaço. Traduzir significa ir e vir, ser um/a “viajante do mundo”,² viver no interstício, estar perenemente des-locado/a. Sônia Alvarez, 2009.

E nesse caminho de traduzir e expressar os sentidos, para que vocês possam sentir o que impulsionou minhas narrativas é **preciso saber...**

que.....

tecnologias de sobrevivência em arte apresenta de forma física e real a tradução de uma estética periférica. O que afirma se não necessariamente dispor de ferramentas formais e técnicas, mas de tecnologias de adaptação e de instrumentalização. Nesse sentido também informo as traduções, e justamente nesses processos das necessidades e das ideias, das vontades que muitas vezes são de continuar a existir em um campo artístico, a arte que é inerente a todo ser humano, mas que sabemos que só parte deles é legitimada a sua produção. A linguagem da “low tech”, que é a baixa tecnologia, surge na emergência de conceituar trabalhos que sempre desenvolvi, colocando dali, puxando daqui, dando jeito em gambiarras inegáveis de desejos latentes. Assim surge a teorização da minha técnica artística fundada na marginalidade, nos processos de resolver as faltas técnicas e substituir as ferramentas que só quem tem recurso financeiro pode fazer. Eu sempre estive aqui fazendo, criando, talvez dessa forma que muitos aqui não entendam. Mas arte surge na urgência também da expressão e comunicação e se transforma em ciência quando a gente tem condições cognitivas de explicar e conceituar os motivos pelos quais fazemos o que fazemos. E quando fazemos o que fazemos é reflexo de um recorte social, tem um tempo de uma estrutura econômica e tecnológica.

Introduz assim, para que vocês entendam essas traduções em uma parte muito cara e sensível da arte. Aquilo que surge na necessidade e se torna conceito legitimado a uma esfera e um grupo, assim cultura. Entrar nos processos constitutivos da pesquisa, como sobrevivência e cura, é sobre o rompimento de silêncios e a criação de nova forma de escrever a escrita de si.

Neste trabalho apresento uma narrativa não linear e inundada de emoções . Essa é uma parte consciente da minha história . Ela, eu sei , se

encontra em muitas outras, E é por isso que vocês estão lendo esse trabalho hoje. Acompanhando minha tentativa de falar de mim, e não falando apenas de mim, porque eu me encontro em muitas, e isso vem sendo cada vez mais consciente e importante dentro da minha trajetória acadêmica.

é preciso saber de onde se vem



pixo digital,2019, Débora Oliveira.

Essa é a pesquisa da minha vida, e como é difícil olhar para dentro e se enfrentar né?! Fazer um mestrado parecia um sonho muito absurdo para a minha realidade. Me parecia impossível uma pessoa com a minha trajetória e dificuldades muito complexas dentro do processo de aprendizagem estar num programa de pós-graduação em artes da UFPA.

Eu estava focada e segura que apesar desse título significar uma melhora substancial na minha carreira e nas oportunidades que poderiam se

abrir para mim, seria muito difícil pois, eu não teria o apoio familiar necessário dentro de um parâmetro ideal”(levando em consideração que a população majoritária que atinge/ia os graus de pós graduação são de classes sociais A e B), para me ajudar a me manter nesse lugar.

Defino o apoio necessário aqui, muito centrado nas demandas financeiras e dialógicas que uma pesquisadora necessita em seu percurso acadêmico. Como minha família não tem relação próxima com a educação superior, e esse tipo de ensino principalmente em arte nem ser visto como uma opção válida de escolha de vida, além de que observaram que durante a graduação o quão complexa é uma vida acadêmica, e o quanto eu já tinha me desgastado, dentro de um universo de maternidade periférica, todos imaginavam que não seria fácil essa caminhada, e realmente nem a necessidade desse enfrentamento, por assim dizer.

Minha relação primeira e direta de parâmetro afetivo e existencial sempre foi minha mãe, uma mulher semi alfabetizada, mãe solo e que ainda hoje no auge dos seus 50+ ainda atua como empregada doméstica, sendo avó de seis netos biológicos e dois afetivos, mãe de quatro filhos adultos, que ainda por vezes contam com seu amparo e ajuda. Eu, sua primogênita que também foi mãe na adolescência (assim como ela), fui a primeira de nossa família a cursar uma graduação. Diante desse cenário de cuidados familiares e geracionais refletem, apesar de efetivamente nosso vínculo não passar por questões da autonomia financeira, pois desde os meus 15 anos venho seguindo de forma independente da vida dela, ainda assim diretamente afetam nossa relação e nossos pequenos conflitos nas “escolhas” que fiz em minha vida. As aspas em escolhas educacionais vem de uma reflexão do que a gente considera como escolha, quando se vem de uma realidade de uma rotina de trabalho baseada em subempregos e muita exploração para receber um salário mínimo, onde nunca é suficiente para sustentar uma família. Essas dificuldades nunca impediram minha mãe de sustentar sozinha 4 filhos a maior parte da vida, e ainda contribuir até hoje em toda manutenção de uma casa, com netes e filhas.

De todo modo , a educação superior efetivamente não era vista como ferramenta de transformação útil para a manutenção da sobrevivência , já que efetivamente precisamos de resultados imediatos como : comer hoje, almoço, janta e etc., e já que as urgências não esperam, a nossa dinâmica de vida funciona pelo contrário, já se ouviu muito na minha família o medo da educação nos “mudar”, principalmente para mulheres que fazem faculdade, vistas pela comunidade como mulheres arrogantes, que estão mais propícias a abandonar a família, ou que se sentem superiores ao ponto de negar sua própria história. Essas afirmações estão fundamentadas em patriarcado, mas também há uma recorrente negação de classe, comum em periferias que já pude transitar, falo sempre do meu lugar de referência. A arrogância e desprezo pela família que viria com a ascensão no ensino superior sempre e ainda são as sombras sinuosas que cercam as minhas relações familiares. Onde dentro e fora de casa, me sinto lutando e cedendo para que não seja lida dessa forma, por vezes por não aceitar situações escandalosas, que mesmo antes de graduar não aceitava, mas que agora parece que sempre estou à prova. Tanto do lado de cá, e tanto do lado de lá. Do lado acadêmico, e principalmente dos meios sociais que pude começar a acessar por conta de reconhecimentos de trabalhos que a própria graduação me proporcionou. Me sinto sendo testada o tempo todo, e nesse percurso o medo e o silêncio imperou muito nas minhas relações profissionais e acadêmicas. Só depois de encontrar pares aqui desse lado acadêmico e ter acesso a leituras de feminismo, pude fortificar e erguer a minha voz. Contudo, ainda assim, sinto nas pequenas perguntas, olhares e pedidos, que ainda estou em provação, como se estivessem dizendo assim: - Ei tu é bonitinha sim, mas o que estás fazendo aqui nesse lado? Nessa mesa acadêmica? O que tens pra falar sobre esse assunto? Como se eu apenas estivesse ali porque estou preenchendo uma cota não merecida e que a minha produção artística e acadêmica tenha não relevância na pesquisa e produção artística. Eu tenho que sempre provar mais, falar mais alto, me impor mais, tenho que abrir um rabo de pavão e citar um monte de teórico para ser respaldada, para demonstrar que sou letrada (rs).

Do lado daqui é a desconfiança de que o que eu possa estar falando não venha de minhas próprias ideias, e sim de alguma espécie de alienação que fui exposta na faculdade(rs), além da delimitação de território no sentido de: não és mais uma de nós, é uma parte, mas não efetivamente, e que qualquer mudança que eu passe vai estar totalmente ligada a esse fato do ensino superior, e dentro disso percebo que é uma fala muito localizada em quem é mulher e ocupa tais lugares. Novamente tenho que falar mais alto, impor um ilusório respeito e arcar com minhas fragilidades sozinha. O QUE EU SOU ENTÃO? esse ser visto por terceiros, não lá, nem cá. estou ENTRE, e sendo assim espero que vocês entrem, que esse texto possa estar e se identificar em muitos, assim como por aqui, mulheres como eu, se identificam e estão comigo/estamos juntas.

Ao resumo na verdade o que realmente importa tanto para minha mãe, quanto para outras pessoas, assim como eu é o trabalho duro. Aquele que a gente acorda com o sol, que desgasta o físico, aquele trabalho de servir, é esse que garante dinheiro na mão todo mês. E aí, eu venho de uma gravidez na adolescência, fato que desestruturou o que já estava desestruturado, e um “amigamento” que possivelmente poderia ser a solução de parte dos problemas, principalmente financeiros afinal, uma união que promove uma divisão de despesas e autonomia da nova família, em relação à família matriz, ainda é uma única opção para a maioria das mulheres pobre que vivem em situação de vulnerabilidade, apesar de antiquado, é latente ainda. Porém, eu comecei a fazer arte, arte mais que o tolerável para uma mãe de família, aqui sendo essa representação patriarcal e nesse conceito de família uma estrutura onde se tem uma figura masculina paterna como provedor e detentor daquela estrutura.

Cresci vendo minha mãe, matriarca da família, dada todas as condições precárias em que ela foi exposta desde sua infância, e a necessidade de nos fazer sobreviver junto à ela na sua precoce maternidade. Já que na sua própria infância isso não foi possível, imagino eu, hoje como mãe e uma mulher madura, consigo enxergar com muito mais

carinho e empatia a sua história e suas ações em nossa criação. Ela foi criada na casa de pessoas estranhas em uma relação de exploração de trabalho infantil, aquela velha política de pessoas com um pouco mais de condições financeiras que traziam meninas do interior e das periferias para trabalhar em suas casas como empregadas com o discurso de ajudar as famílias que eram muito necessitadas e com muitas crianças para alimentar. Minha mãe mesmo vem de uma família de 11 irmãos e irmãs. Onde nunca teve oportunidade de permanecer em uma escola e concluir o ensino básico. Ter uma infância saudável e feliz, como toda criança deveria ter direito.

Minha mãe nasceu em 1970 e nunca teve esses direitos assegurados, teve que crescer como muitas meninas e meninos em países do sul global e crianças pobres no mundo todo. Foi mãe adolescente, continuou passando por inúmeras violências vindas principalmente de homens que deveriam amá-la, e que se seguiu de uma solidão, ela mesmo, estando com outros homens, escolheu ser só, dadas as consequências de ela ter um companheiro naquela época que nos criou. Na falta de opções, e de inúmeros abandonos, ela escolheu não nos abandonar, e que coragem né? Criar sozinha 4 filhos! Ela nunca teve um companheiro que dividisse as despesas e as cargas dessa maternidade. Na falta de opções, no desespero, na miséria, ela fez o que sabia para que eu pudesse estar viva aqui hoje, e muito grata a isso poder estar aqui contando nossas histórias para vocês.

Então, por que eu estava me propondo a passar tanto aperreio para conseguir continuar, sendo que já tinha um companheiro, um parceiro, coisa que ela nunca teve e que certamente sente falta, dessa estrutura de uma família que ela nunca teve e que queria que a gente pudesse ter(assim como muitas mães querem pros seus filhos o que não puderam ter). Para que eu estava complicando a já complicada relação de maternidade que eu tão nova tinha? Escolhi continuar a estudar, a ser trabalhadora da arte, e ainda por cima sem tempo exclusivo para os cuidados maternos dos filhos. Eu escolhi continuar sem que essas atribuições me bastassem, eu escolhi

sonhar, e buscar dentro de um mínimo a minha liberdade.

Como esperar que não duvidassem de mim? Que me apoiassem? Dentro de uma realidade dura, onde o que é urgente é ter o alimento na mesa. Que tempo que a gente tem pra sonhar? para planejar um futuro diferente desse que é real, e que é o único que a gente conhece.

Uma vez perguntei.

_ Mãe, qual é o seu sonho ?

E ela me disse:

_ Não tenho sonho.

Minha mãe duvidava e acho que por vezes duvida dos caminhos que eu escolhi traçar para sobreviver e tentar viver. Principalmente por eu ser mãe, assim como ela, e ter que garantir os cuidados e sustento de meus filhos. E eu a entendo bem, entendo mais do que preciso para poder ser um pouco mais feliz e sentir menos culpa.

Me lembro dela dizer assim que soube que eu estava tentando uma vaga na pós:

— “isso é muito trabalho, e tu nem vai ganhar nada, vais ficar longe dos teus filhos de novo, era melhor tu descansar já que acabastes de te formar. O bom era arrumar um emprego, ter carteira assinada, plano de saúde, aposentadoria.

E eu por entender que ela não tinha dimensão do que aquilo realmente significava para mim (hoje nem sei se sei), e só queria que eu pudesse ter paz para cuidar de quem precisava de mim, assim como ela cuidou e cuida de filhos e netes. Depois dela presenciar os sacrifícios e concessões que vinha fazendo durante os 4 anos da minha graduação em uma área que ela nem sabia em que eu podia trabalhar

ela dizia:

_“mas pra que se tu já dá aula, já faz ‘arte’.

Contudo, dentro de mim, eu me motivava e não abatia, às vezes eu explicava a importância desse caminho acadêmico, de como isso poderia ser importante na minha carreira, para gente enquanto pobres, mesmo sem eu mesma crer nisso totalmente. Eu tinha um sonho, eu queria ser, queria ter, queria conhecer tudo, tudo que sentia que não me pertencia.

Sempre me encobri como uma fortaleza para não transparecer minhas fraquezas e problemas, mesmo sem escolhas eu tracei o caminho na arte, afinal foi ela que me escolheu. Um caminho de sobrevivência, fazendo, trabalhando com/em arte para me sustentar e ir vivendo do jeito que as coisas se davam, ir caminhando e continuando. Eu pontuo sobrevivência como a forma de existir, porque não existe uma perspectiva de viver, dentro do que se entende esse viver, dentro de um universo de miséria e muitas restrições. Ainda sobrevivemos para que os nossos próximos possam viver. Eu venho escolhendo tentar viver, o que por hora ainda não vem sendo possível, mas sempre com os pés no chão, pontuando a minha identidade e assumindo os riscos de ser quem eu sou, nos lugares que eu habito e transito. A minha existência, minha complexidade existe, além dos que querem que eu passe currículo para não passar de burra. “Então se é currículo que cês querem ,eu vou dar”, mas vai ser do meu jeito, dentro das minhas escolhas e do meu povo, de onde eu estou e de onde venho.

para saber para onde se vai

Entendendo de onde venho, posso explicar para vocês, como e por onde eu vou nessa metodologia, que identifico a relação primordial da/com a maternidade para começar a pesquisa e porque fundamenta tanto minha narrativa pessoal de ascendência como minha relação de

posteridade. A partir desse caminho narro as minhas ações, em coletividade. A maternidade como fundamento desgnerificado e potente em um sistema de manutenção de povo, que se expressa em várias formas nas vidas periféricas de populações à margem. Entendo essas práticas que menciono como todas as ações a que participo em minha comunidade desde a minha infância, e que são os alicerces, perspectiva que tenho sobre a arte/vida que se traduzem nessa pesquisa.

Saberes e ações que não estão restritas e praticadas apenas por mulheres,mas que essas pessoas sim são lideranças comunitárias que sempre se organizaram ,e também se desorganizaram num movimento cíclico para buscar melhorias e reformas em nosso bairro e nos nossos direitos de dignidade básicos dentro de uma sociedade. Essa vivência faz com que meu trabalho também parta dessas relações fortes com meu território e povo, e a necessidade de “documentar” esses sentimentos através tanto das fotografias que vem como resultado de uma experiência vivida; como de ações coletivas artísticas que desenvolvo com grupos na comunidade. Não apenas no Bengui, mas também em outros territórios que se assemelham conceitualmente com ele, por suas marginalizações e povo diaspórico.

Aqui preciso seguir um caminho honesto com a minha trajetória, hoje tenho sim, opções e escolhas em caminhos que poderia seguir nessa pós, caminhos teóricos que me deixassem mais segura com relação a compreensão da academia sobre o meu trabalho. Essa forma de diálogo é escrita como essa demarcação política identitária, e sinto que daqui de onde falo e principalmente das pessoas com quem falo, eu sou compreensível, pois somos complexidades. A escolha parte de uma compreensão estética e política

Vou margeando para chegar onde eu preciso. Essa margem né, marginal. Uma palavra embutida ainda de conceitos desrespeitosos. Aqui o meu povo buscou a margem para construir, nas margens do rio, do alimento. Da prosperidade que é viver molhado/inundado , em rio que traz fartura e que nos permitiu construir e trilhar com nossas famílias, uma cultura quase aquática, terra úmida e fértil.

A margem onde eu cresci, era território de aprendizado, de viver em constante contato com pequenas bicas, igarapes, olhos d'água. Lá que a gente podia contar que água não ia faltar. Aí o “desenvolvimento” vai chegando, vai tomando, aterrando e colocando uma população que vivia na margem como força para existir, em um descompasso. Agora viver na margem, é viver precário, insalubre, e sem nem ter água potável. Essa história aqui é do Bengui, mas é uma história que tenho certeza, que qualquer ser da amazônia pode compartilhar. Nos marginalizaram, nos tornaram marginais aos seus olhos. Porque até pouco tempo ser dá margem para mim, era ter vida fértil, ter lazer. Agora somos marginalizados porque não temos o mínimo para ter saúde, ter lazer. Aterraram nossas fontes, nós que trabalhamos para eles agora, porque ter emprego de carteira assinada, nas lojas criadas em cima de nossos olhos d'água é o que nos resta para sobreviver.

vou margear.....

A minha pesquisa se centra em relatos narrativos de experiências vividas em coletividade e feminilidades periféricas. Vou apresentar nesse contexto as pesquisadoras que me ajudam nesse tecer de uma trajetória acadêmica. Assim como a pesquisa são pesquisadoras dos sul global, negres, latinas, brasileiras. Principalmente falo de amor, e de uma vida como bell hooks diz: “amor é uma ação!! nunca simplesmente um sentimento”. Nós agimos na perspectiva de amar, cuidar e prosperar dentro das possibilidades de uma vida que nos obriga a sobreviver, e que com nossas e nossos podemos e continuamos a sonhar e a fazer.

como começou

Eu estava confiante e feliz porque me sentia contemplada por ter entrado na pós graduação, e por ser na Ufpa. Estava forte, sabia o que eu queria fazer, e estava disposta a integrar essa nova fase, estava comprometida a fazer um bom trabalho, bastante confiante da minha capacidade.

No primeiro semestre foi muito difícil, eu quase morri (rs), encontrei barreiras rígidas pro meu ponto de vista, barreiras que me seguem até agora. Cursei uma disciplina optativa, de feminismos no PPGSA, com professoras

maravilhosas e de notoriedade. Foi lá que apesar de toda aquela confiança, uma vozinha dentro da minha cabeça toda vez que eu voltava para casa me dizia: -"Tu não é suficiente aqui, vai ter que ler e lutar muito para conseguir alcançar a turma". E isso se espalhava em meu corpo como uma metástase, e me trazia todas as lembranças de deméritos e incapacidades que eu sempre tive. Daqui eu sempre controlei, meu orgulho me ajudou a transformar toda essa minha falha e impotência em força para superar. Eu podia até sofrer mais sofreria escondida "ninguém ia me ver chorar". Eu tentava e tentava, mas nada era suficiente, me sentia uma pessoa muito incapaz, não conseguia entender a forma que tinha que escrever e me comportar dentro daquele espaço, parecia que tinha que parar a minha vida por pelo menos uns dois anos só para aprender tudo o que eu não tinha conseguido aprender a vida toda, digo desde o básico de raciocínio metodológico. Contudo quanto mais eu estudava sobre negritude e feminismos eu entendia que o que eu sentia não estava certo, que eu tinha que falar, que me afirmar. Mas com meus colegas de turma era muito difícil, e cheguei a pensar por diversas vezes em desistir da disciplina, apesar dela me apresentar um conteúdo importantíssimo para a minha pesquisa, mas como as coisas aconteciam em sala de aula, as discussões apesar de falar sobre feminismos, se distanciava para mim como uma pessoa de "pouco" repertório acadêmico alcançar. Contudo quanto mais eu estudava sobre negritude e feminismos eu entendia que o que eu sentia não estava certo, que eu tinha que falar, que me afirmar. Mas com meus colegas de turma era muito difícil, e cheguei a pensar por diversas vezes em desistir da disciplina, apesar dela me apresentar um conteúdo importantíssimo para a minha pesquisa, mas como as coisas aconteciam em sala de aula, as discussões apesar de falar sobre feminismos, se distanciava para mim como uma pessoa de "pouco" repertório acadêmico alcançar. Eu ouvi de uma colega da turma uma vez que apresentei um texto da Hill Collins, que :“ se tinha que ter mais respeito com pensadoras negras, que tinha que se trazer os conceitos e teorias que elas trabalhavam com clareza para não diminuir sua obra perante a branquitude” (e eu estava ouvindo isso de uma menina, menina mesmo, e branca rs) aquilo me deixou mal por semanas, porque em nenhum momento eu desrespeitei as teorias da Patricia Hill Collins, pelo contrário, suas teorias e palavras se identificavam

com a minha vivência, eu estava falando da teoria de Imagens de Controle*, conceituando como as mulheres negras eram desenhadas pelo imaginário coletivo branco, tentando comunicar minhas compreensões acerca do assunto, só que apresentei à autora o texto e dei exemplos em que me identificava e me tocavam realmente.

“Ingenuidade minha né?! Querem empatia na antropologia, olha a minha fé”¹.

Eram muitas teorizações sobre o feminismo e foi por isso que me matriculei na disciplina, mas era mais do que eu podia acompanhar, e no final do semestre estava tão exausta, e tudo que eu falava não condizia ou parecia totalmente inadequado, e era corrigida. Não porque o que eu falava não estava correto, e sim pela forma que eu falava, hoje compreendo que por pessoas majoritariamente brancas em sala de aula, a compreensão era frustrante, eu estava totalmente isolada no meio de tanto intelectualismo, que acabei reprovada na disciplina. Tive que me humilhar muito (dentro da perspectiva do meu orgulho de sobrevivência) para reverter essa situação e não me prejudicar mais ainda.

Apresento esse incômodo com a pós, e com as metodologias que geralmente são aplicadas dentro do ensino superior, e que são uma das principais fontes desse distanciamento de uma população que vive em um outro fluxo e de repente se vê submerso em cânones e estruturas, e quando esse choque acontece, geralmente é a sua autoestima e a sua cultura que se veem inferiorizadas. E para permanecer é preciso que haja um enquadramento nessas expectativas, o que nem sempre é possível, e que leva muitos de nós a desistir da academia.

A sobrevivência em arte é o resultado de vários fluxos que se encontram no meu percurso como ama[dor]. E é a partir e por causa dessas vivências e experiências que teço esse trabalho, uma pesquisa que vem afetada e inundada de uma pandemia, de mudanças drásticas na forma de se enxergar a arte e a vida.

Então a pandemia chegou, com uma força aterradora, e mudou a forma que a gente se relaciona com as pessoas, com o mundo. Tudo perdeu o sentido

¹ Analogia a um trecho da música “Aquela Fé” de Don L.

 03. Don L - Aquela Fé (feat. Nego Gallo)

e a morte virou parceira, a gente foi sobrevivendo engolindo perdas e sequelas, os desgastes foram tantos que está sendo quase impossível terminar essa pesquisa. Aquela pessoa confiante, orgulhosa e decidida deu margem para aquele interior que eu sempre tentei ocultar, aquele interior de muita fragilidade e quase nenhuma confiança, e ainda mais diante de um governo e reacionarismo que polarizou o meu povo, a minha família, e fez com que eu fosse perdendo cada vez mais a vontade de continuar resistindo.

E é com esse cenário instalado que eu depois de muito trocar e me debater, de quase jogar tudo para o alto, e quase dar ouvidos a minha mãe que acha esse sacrifício todo, um pouco demais diante de todas as nossas urgências. Que nesse ponto de vista, são muito mais imediatas., e apesar de um leve suspiro de receber uma bolsa da capes por 10 meses, o que foi muito importante, um reconhecimento perante a minha família de que eu estava fazendo “alguma coisa”. Foi interrompido em um momento em que eu estava lutando para acabar essa pesquisa, com inúmeras dúvidas sobre o que eu fazia, se faria sentido, sobre o que eu ia falar. Tudo muito complexo dentro da minha existência alterada imensamente (assim como a maioria das pessoas) pela pandemia.

De alguma forma muito intensa essas confusões se massificam e me fizeram entrar num processo depressivo altamente inconcebível para mim, que sempre tive que ser forte e cuidar de todos à minha volta. E agora quem cuidaria de mim? E é aqui que me conecto com a sabedoria de onde eu venho para poder traçar meus futuros passos, *“E eu já estava. Já não ia, nem vinha”*. beatriz nascimento, 2007

E dessa forma eu insiro vocês no meu processo de construção de pensamento. Que muito se alinha na poesia de Beatriz, textos que conectam de formas complexas na poesia de se existir, onde trazer sua trajetória , suas experiências em prosa, que se aproxima justamente a quem esses poemas estão direcionados, assim como boa parte da produção é desenvolvida por mulheres e homens racializados. Nela que também me identifico na escrita e no processo documental de uma vivência com/em a arte, que aqui eu proponho e tento conectar dentro do máximo que eu consigo, traçando essa linha que não é do tempo, mas que se é contínua

num movimento que presumo ser entendível para os leitores, assim que desenvolverem a leitura. e na segunda parte apresento um ponto importante na pesquisa, um conceito que descobri e pude desenvolver ao longo desses anos, tendo base nas experiências que vivi, assim como as que observei, percorrendo esse caminho da pesquisa e da arte .Recorto no cenário que estou inserida, que é localizada em uma periferia urbana de uma capital na Amazônia, e que nesses deslocamentos periféricos sempre consigo me conectar com pessoas justamente por essas características, que sinto que nos tornam partes de um mesmo referencial, é disso que trata essa pesquisa.

Essa matripotência aqui se apresenta através de homens e mulheres com quem dialogo e me possibilitou realizar ações da minha vida em arte. Apresento uma teorização consciente do que sempre estive dentro da minha trajetória, mas que em momentos anteriores não tinha pensado dessa perspectiva, que com a pesquisa e a pandemia latente nas nossas vidas tive que enfrentar, e atentar para a importância de romper com silêncios, de poder falar/escrever desses processos que são parte de uma produção artística periférica que está justamente e porque é uma periferia, essa cultura que vem de ascendência de várias confluências e encontros da formação cultural do nosso país, do nosso norte, da nossa amazônia.

Especificidades que são pelo que são, por fundar e estar nesse lugar de conflitos, resistências, ações em coletividade e muitos fluxos culturais, onde principalmente a presença afroindígena determina a nossa cultura e resistência, de como nós , aqui o recorte geracional que estou inserida, se comporta com o que entende desse fluxo “moderno” , dessas informações externas e a diversidade cultural em que nascemos, fazendo com que nossa identidade, principalmente nós de centros urbanos na amazônia se enxergam e compreendem em realidades de precariedades, faltas, resistências e coletividades.

A partir do momento em que decido dentro de muitas questões falar de processos que são coletivizados na minha arte, no caso e, só são possíveis justamente por esse contato e vivência de uma experiência ancestral e a margem. E muito a necessidade de falar... .sobre a gente,

sobre nós...para nós também.

SEGUNDA PARTE



pixo digital, 2023, Débora Oliveira

[O] matriarcado periférico

O ponto que aprofundo nessa segunda parte da minha pesquisa , é de como o matriarcado periférico funda, e mantém a sobrevivência de nosso povo. Bem como é a matriz principal dessa pesquisa. Todas as experiências e histórias que vou contar, elas vem justamente das compreensões dessa permanência cultural do matriarcado. Dentro dessa afirmativa venho trazendo as narrativas das relações e vivências a partir da memória e associações que vou tecendo aqui, e assim estruturando para que fique escurecido para muitas que lerão esse trabalho que essas mulheres que vou dialogando na pesquisa são mantenedoras de uma cultura e resistência,

sem estar ou precisar estar em espaços acadêmicos para essa legitimidade, e que por elas eu posso estar nessa dialógica conceitual desse espaço acadêmico.

Vou fazer a conexão e diálogo trazendo pesquisadoras que me deram o suporte teórico que eu tanto precisei, e são elas: Oyèrónke Oyěwùmí , Sueli Carneiro, Lélia Gonzáles, Katiúcia Ribeiro, bell hooks, Beatriz Nascimento

Dessa forma eu começo a trilhar as conexões das histórias que eu precisava contar, das resistências dessas mulheres que tanto me afetaram e afetam, do tanto que me são caras e da necessidade primordial de uma ciência que legitime essa história no meio acadêmico, pois eu sempre enxerguei essas práticas como de um refinamento e necessidade muito importante principalmente para a minha geração, imagino eu. Ao começar a ler essas mulheres, a ter acesso ao material de escritoras e escritores do sul global, após a graduação mais especificamente, eu pude ter meu coração aquecido e pensarem como em trabalho acadêmico poder me expressar e mostrar como essas histórias e pessoas são matriz de conhecimento. O matriarcado periférico brasileiro, localizado em uma capital amazônica (Belém do Pará) é a minha área de pesquisa principal, mostrar a importância dessas vivências femininas coletivas, romper silêncios e transformar em teoria em ciência um fato tão comum e que é tão básico para nós mulheres e mães na periferia, mulheres racializadas principalmente pelo nosso recorte colonial específico aqui na amazônia. Foram essas referências que me suportaram até ter essa visão de vida e do fazer artístico para mim. Nesse caminho cheguei em várias bases e vou apresentar um bem complexo, mas que aqui vou pincelar segundo minhas pesquisas em Oyèrónke Oyěwùmí e Katiúscia Ribeiro e Aza Njeri.

Um ponto que delinea bem é a Matripotência, que segundo Oyèrónke Oyěwùmí é uma complexa relação com cosmovisão espiritual de iyá que é uma instituição de senioridade que estabelece na cultura yorubá que é de onde ela vem traçando sua pesquisa e contrapondo com que o ocidente desenha sobre a filosofia e cultura africana. Ela vem teorizando em vários

textos complexos as relações generificadas que o ocidente estabelece e sua cosmovisão eurocristã. É importante para a minha pesquisa essa matriz, já que muitas mulheres com que convivo e diálogo, não se identificam com o feminismo e tem algumas resistências com o que entendem ser feministas, apesar de desempenharem papéis fundamentais em garantias de direitos e ações afirmativas que são pautas de lutas feministas, mulheres que eu afirmo serem feministas, mas que ainda não se compreendem, exatamente assim por vezes como eu, por não me sentir ligada à o que ainda é socialmente compreendido sobre o feminismo em meu território, que é de onde traço os diálogos.

Ìyá é uma instituição que desempenha diversas representações e principalmente aqui trago a relação com a criação/criatividade e a relação com e a partir da prole, que acredito ser uma das principais heranças que nosso povo traz em seus DNAs ancestrais. Na forma com que nossas comunidades estabelecem um sistema de cuidado e manutenção da vida dos nossos em nossos territórios. Potências que possibilitam a sobrevivência física, espiritual e emocional de muitas e muitos, e desse princípio que traço as analogias com as ações em rede que possibilitam a minha sobrevivência através da arte e a sobrevivência de minhas anteriores, de minhas mais velhas e de minhas companheiras. Oyèrónke Oyěwùmí, tece sua pesquisa trazendo principalmente essa relação espiritual que se fundamenta nas culturas e religiões de matrizes africanas, e que apesar de eu não estar diretamente ligada a nenhuma, não tenho vivência de terreiro para afirmar mas, que por ter crescido em uma comunidade majoritariamente candomblecista durante a minha primeira infância, pelo bairro e pela própria rua que cresci ter sido habitada por muitos terreiros, participar e hoje compreender o quanto essa cultura era presente na minha infância.

Ìyá está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá. A eficácia de Ìyá é mais pronunciada quando considerada sua relação com a prole nascida Oyèrónke Oyěwùmí – Matripotência pag 2, 2016.

E aqui eu pontuo também essa questão da coletividade e do feminino, dos cuidados e etc. Obviamente, com o tempo vi essas relações mudarem drasticamente, com a chegada massiva das igrejas evangélicas, que trazem em seu cerne relações de poder estabelecidas principalmente por uma ordem masculina, falocêntrica, subordinada e silenciosa, que também instaurou em muitas famílias periféricas conflitos geracionais de várias nuances, como esse não é o ponto em que preciso chegar, faço um apanhado superficial para que vocês possam compreender as camadas culturais que fazem parte da minha formação como uma mulher racializada e periférica, para que entendam o contexto social em que vivo e de onde vim, para que a ligação com a teoria que vou estabelecendo se concretize na reflexão de quem estará lendo esse trabalho. Quem faz parte do recorte social que estou falando poderá inclusive adicionar questões e contribuir nesse diálogo, e quem não faz parte é importante para ter ciência de uma complexidade de relações que passam por vários campos e que justamente é o ponto teórico que continuo a defender e encorpar.

Que causou e ainda causa conflitos de compreensão da maioria das pessoas, a relação violenta até (que me perdoem os evangélicos) da inserção das igrejas nas periferias, e aqui eu vou inserir um relato para que não pareça uma crítica vazia (e mesmo que seja).

_ Minha mãe depois que meu padrasto foi assassinado, acabou sozinha tendo que sustentar 4 filhos, sem nenhuma espécie de auxílio governamental, sem profissão, sem assistência familiar, e algumas das pessoas da vizinhança que ajudaram nessa matricomunidade eram evangélicas, aos meus 12 anos pra frente eu frequentava assiduamente a igreja, assim como meus irmãos, pensem na situação em que na igreja a gente tinha comida, afazeres de doutrina bíblica e etc. Sem nenhuma outra atividade ou oportunidade de saber e conhecer outras referências. Apesar do sincretismo e ainda das ações que eles chamavam de feitiçaria, continuávamos. Para minha mãe era uma folga, era um breve descanso e uma ajuda na nossa educação. Mas, a verdade é que estávamos sem acesso e oportunidades e só vendo esse lado da igreja, o que para crianças em formação, imagina o violento que era e ainda é em algumas realidades.

Então quando começamos a mudar as ideologias os conflitos com a igreja começaram a ficar mais evidentes, tanto que tive uma amiga da minha idade na época, que tinha sido abusada pelo pai, todos da igreja passaram pano, e acompanhei toda a violência que a menina passou, com os pastores e a maioria dos congregados da igreja, perdendo do pai, e tratando tudo como coisa do demônio, e que deus ia restaurar a família, induzindo a mãe da minha amiga a aceitar e calar a violência, e continuar fingindo que nada aconteceu, e assim seguiram as vidas, dentro e fora da igreja.

Trago esse relato pesado, para ilustrar as consequências da falta e da precariedade na vida de meninas na periferia, e assim reafirmar esse lugar da sobrevivência, da dor e da resignificação que nós fomos precisando fazer ao longo do tempo, e ainda mais valorizar esse lugar de coletividade de proteção em que o nosso matriarcado da miséria foi precisando resistir. Claro que essa situação pode acontecer em qualquer estrutura religiosa, mas, como a pobreza e a falta, coloca mulheres em situações de extrema vulnerabilidade e que faz com que minha mãe, que é a minha principal interlocutora tenha ideias e imposições muito fortes sobre autonomia e sustento, dentro do que ela pode enxergar, do que é palpável e imediato. Porque uma mulher com autonomia financeira pode lutar contra as violências, isso nesses períodos era a necessidade principal.

Centrando na situação epistemológica brasileira, precisamos pontuar como esse matriarcado se constitui. Justamente em via da nossa própria construção histórica, onde viemos de um regime escravagista, de um sistema colonial e uma república que nunca reparou historicamente todos os danos sociais, políticos e culturais dessa estrutura. Além de um ideário racista tão violento quanto em outros países, mas com um requinte cruel ao ponto de se afirmar um país de democracia racial, por ser um país miscigenado, e que inclusive força esse branqueamento dentro de uma política eugenista absurda no final do século 19 e começo do 20. Diante de todas as complexas questões absurdas em que povos originários e negros, homens e mulheres estão a margem, dentro dessa estrutura que só vem matando suas expectativas de vida e humanidade, no que o humano é só a brancura, não ser branco nos desumaniza, e assim as violências que nossos

corpes sofrem são invisibilizadas perante um cenário nacional, e sempre inferiorizadas e suprimidas e deslegitimadas. Logo, a periferia que sofre com essa precarização e desumanização de um povo muito específico e marcado socialmente. E se estrutura de feminização da pobreza que forma nossas periferias. Logo, para mim é de extrema importância visibilizar através dessa escrita, relatos e vivências que acompanho na tentativa de mostrar a complexidade relacional em que as produções artísticas coletivas e individual que crio no decorrer da minha trajetória, vem dessa ancestralidade, de estar dentro desse povo e compreender o fora e dentro de uma estrutura social brasileira. Isso me fez valorizar, me entender e entender os meus nesse caminho que venho traçando nesses anos, e principalmente deixar documentado nesse programa justamente a importância desses valores para a formação da nossa identidade e cultura. essas mulheres que “correram para que a gente pudesse andar, que não respiraram para que pudéssemos respirar, trazer personalidades anônimas para que sejam visíveis, e que são em sua representatividade muitas, e essas mulheres com quem eu me conecto, eu preciso falar.

A partir do momento em que decido dentro de muitas questões falar de processos que são coletivizados na minha arte e só são possíveis justamente por esse contato e arcabouço instintivo de fundamento. Volto a pesquisa de Oyèrónke Oyěwùmí, por identificação com a sua pesquisa no sentido de voltar para si, para comunicar à uma comunidade “exterior” as formas de organização e legitimidade de experiências vividas individualmente que vêm justamente por um fundamento coletivo. Em que ela traz no texto com a perspectiva de desmistificar e afirmar que a construção de gênero é uma criação ocidental que estabelece papéis muito demarcados de feminino e masculino, e que preciso pontuar que a minha pesquisa não está pautada em gênero, porém o fato de trazer em sua maioria presenças fortes do feminino, e que ela ocorre justamente por uma realidade sociocultural que nós como sujeitas da diáspora estarmos imersas, com tantas violências e privações, um cenário que nos retira, priva e exclui de escolhas assim, traçamos através de gerações as técnicas dessas nossas resistências enquanto povo periférico no sentido de poder.

Logo, nós como mulheres, mães, trabalhadoras, chefes e gestoras de famílias e de movimentos tanto culturais e sociais, somos forças significativas em nossas comunidades.

Talvez a crítica mais importante de articulações feministas de gênero é aquela feita por uma série de estudiosas afro-americanas que insistem que nos Estados Unidos de forma alguma o gênero pode ser considerado fora da raça e da classe. Esta posição levou à insistência sobre as diferenças entre as mulheres e a necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, particularmente sobre as quais as desigualdades de raça, gênero e as desigualdades de classe são evidentes. Fora dos Estados Unidos, as discussões centraram-se sobre a necessidade de atentar-se ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação, que emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e outros sistemas de hierarquia. Oyèrónke Oyěwùní – Matripotência pag 2,

minha [S] matriarca



acervo familiar, reeditado, foto Jobson Cruz 2009.

Não temos quase nada de memória fotográfica e pouca oralidade dos nossos mais velhos. Em uma família que não teve o hábito e a oportunidade de falar de si, de registrar, uma família lutando na sobrevivência. É muito difícil juntar as partes, principalmente depois da morte precoce de minha avó, e de muitos tios e tias que eu nem cheguei a conhecer pois estavam espalhadas em tantos lugares e construíram tantas outras memórias dos novos lugares. Aprofundo nas experiências das sobrevivências que trazem a arte em que minhas relações coletivas são tecidas, dentro de um percurso afetivo e aqui teorizado, eu insiro as minhas experiências familiares, que são a principal base de aprendizado, e com ela minhas matripotências primeiras que são: minha mãe Nice, e minha avó Elmira, minhas irmãs e irmão família, desdobrando para um aprofundamento na perda e reencontro com parentes

maternos. Quero pontuar de forma consistente para esse começo o entendimento do que eu relaciono como tecnologias a participação dominante delas e de como elas contribuem no meu processo de compreensão de territorialidade e identidade. Como aqueles incômodos que citei lá no tópico acima, me fizeram refletir de forma brutal e compreender os processos familiares/sociais aos quais faço parte e me fundamentam, e a partir disso que começo a rever isso dentro de mim. E junto às conversas que tive com as minhas amigas na vida e principalmente nessa pandemia, que para mim com a iminência de morte constante e perdas, me traz amadurecimentos não mais de orgulhos e barreiras, mas de reais identificações.

Revirando a minha vida e memória, trazendo partes de mim que eu sempre quis esconder, depois de chorar por diversas vezes lendo bell hooks e me sentir próxima de muitas narrativas, eu como mãe, sendo filha, e com esse tempo forçado imersa em mim mesma, mergulho nos sentimentos mais profundos que fomos forçados a viver, nas primeiras fases da pandemia. Período que já estava no programa e um período extremamente indescritível até hoje, ainda não conseguimos mensurar os efeitos psicológicos de tudo que vivenciamos, cada um do seu jeito. É nessa fase que tenho que amadurecer tudo ao mesmo tempo e em todo lugar, e traçar minha metodologia de pesquisa, escrever, me sustentar, dar conta dos meus filhos e das minhas respostas. Recorro a mim, e busco nas memórias os caminhos que me trouxeram aqui, volto sempre a ela, minha referência de matriarca.



foto Jobson Cruz, 2016.

Minha mãe me contou que foi doada ainda criança aos 8 ou 10 anos, para uma família no tempo auge do garimpo na Serra dos Carajás. Levada para servir, assim como muitas meninas no nosso Estado, fato que ainda hoje é comum, infelizmente. Fato muito problemático já que a maioria dessas meninas que integram esse cenário, vem de uma realidade de família numerosa e sem recursos para um sustento digno, logo, essa prática vem como solução. Em uma situação que coloca essas crianças em uma vulnerabilidade. Aí nesse caso é contar com a sorte, basicamente.

Então, Augenilce Costa, irmã número 6 de uma família de 11 irmãos maternos e que inclusive alguns faleceram ainda na infância, não teve muito contato com sua família biológica, ela foi dada também em consequência de ser uma das crianças de pele clara da família, conta que assim despertou o interesse dessa família em “adotar”(já que não foi um processo legal). Ela

quase nunca gosta de dar detalhes ou falar do seu passado e da sua relação familiar tanto biológica quanto da que a criou, o que posso fazer é trazer fragmentos que pude compreender em meu tempo de existência na vida dela. Depois dessa doação nunca mais viu sua família, até seu retorno a Belém, já adulta e no segundo casamento aos 23 anos, com três filhos pequenos e grávida.

Na infância não convivemos com nossos parentes, éramos mãe e filhos, minha mãe passou muitas violências nesses dois relacionamentos, cresci vendo ela apanhar e por vezes apanhando com ela, e como irmã mais velha ajudava no cuidado dos meus irmãos. E principalmente quando ela finalmente* ficou viúva de meu padrasto. Apesar de ser uma libertação das violências que ela passava com o segundo marido, nossa vida financeira ficou muito mais difícil. Ela trabalhava no ver o peso e eu cuidava dos meus irmãos em casa, eu tinha 11 anos e ela 27. Foco na nossa relação porque é ela que é o cerne da minha compreensão de matripotências. Pouco via minha mãe, e quando ela estava solteira em casa, a gente ficava muito em bares do bairro, até hoje eu amo bares (rs) a rotina dela alternado no trabalho no veropa* e em diárias como doméstica, nosso lazer nos dias que ela podia, era na piscina do azulão, um lugar que podemos chamar de clube(rs), mas não era clube, uma pequena casa em que os proprietários abrem as portas e cobravam um valor simbólico para as pessoas da comunidade, era diversão de domingo na minha infância e bem comum no Benguí da década de 90.

Depois ela conheceu meu segundo padrasto com quem vive até hoje, um homem que nunca se impôs como uma figura paterna para nós, e nem para ele mesmo, uma relação de maternidade que eles mantêm, inclusive pelo fato dele ser mais novo, o que eu cresci percebendo na forma com que as pessoas pontuavam, ser algo benevolente da parte dele, e para ela soava como uma legitimidade e respeitabilidade, pois uma mulher com 4 filhos, vivendo a vida que ela queria, era alvo de muito machismo, rumores e fofocas maldosas e que ressoavam no bairro, coisas que a adoeciam e lhe tiravam as forças. Se fosse hoje seria muito diferente, mas na época era muito mais pesado, e ela presumo, que já estava exausta.

Já a minha avó, foi estar presente em nossas vidas depois de alguns anos depois de muitos sofrimentos de minha mãe. Acho que ela não queria levar problemas ou demandas, ou até mesmo por falta de conexão entre as duas, afinal, demonstrar afeto é tão difícil na forma em que a gente foi criado. Tínhamos uma rede na vizinhança, pessoas que se ajudavam, algumas vizinhas de que minha mãe não era amiga, mas que eram solidárias à luta dela, mulheres que muitas vezes nos livraram de passar fome. E que inclusive foi a filha de uma dessas vizinhas que me ensinou a ler, hoje em dia ela é “terrivelmente evangélica”, e mal me cumprimenta por educação.

Minha mãe era muito jovem, já muito cansada e sofrida, além de muito orgulhosa, assim como eu, para admitir que precisava de ajuda. Mas na periferia na década de 90, época da minha infância, as pessoas se ajudavam mesmo sem se conhecer ou serem amigas próximas. Sempre ficávamos na casa de vizinhos que tinham televisão, essa vizinha que me ensinou a ler. Coisa que na escola eu não conseguia aprender. E assim eu cresci cuidando dos meus irmãos com a ajuda de vizinhas enquanto minha mãe trazia sustento para casa depois da morte do meu primeiro padrasto. Uma lida muito difícil com os riscos eminentes de aliciamentos que a gente estava exposto, principalmente meu irmão, que por muitas vezes escapou do contato precoce com a criminalidade das gangues que borbulhavam no final da década de 1990. Alguns amigos nossos da infância não tiveram o mesmo caminho, e alguns foram assassinados bem antes dos 20 anos. Cadeia, filho, igreja...ainda é assim. Parece nostálgico essas lembranças mas, na verdade é protesto, é para que a gente enxergue que mais de 25 anos e eu estou aqui , e a realidade ainda é a mesma. Poucas e poucos saem dessa curva, eu, meus filhos somos parte dessas, assim como muitos obviamente. Mas, não o bastante, não o justo. E é assim que nesse trabalho de pesquisa em arte eu mostro essas histórias.

É muito difícil fazer essa exposição da minha vida, porque na maioria das vezes ela traz olhares de pena, vitimização.

[..] Meu repúdio à identidade vitimada surgiu de meu conhecimento da

maneira em que pensar numa pessoa como vítima podia ser desempoderador e imobilizador. Vinda de comunidades feministas no sul segregacionista, eu nunca tinha escutado das mulheres negras sua vitimização. Enfrentando a dureza, a destruição causada por falta e privação econômica, a injustiça cruel do apartheid racial, eu vivia em um mundo em que as mulheres ganhavam força no compartilhamento de saber e recursos, e não porque se juntavam na base de serem vítimas. bell hooks, 2019.

Porém, essa narrativa é importante para contextualizar em que cenário sociocultural recorro minha pesquisa. Aqui apresento minha mãe, como uma mulher que lutou muito para nos manter a salvo, quando as estatísticas também não eram das melhores. Com muitos erros e dificuldades, ela abriu mão de muitas necessidades e sonhos para nos nutrir com o básico da sobrevivência. Que naquele período era: não nos envolvermos em gangues, em não prostituir suas filhas, manter o sustento de uma casa e sua integridade e honra como mãe solo. Honra e responsabilidade são os maiores pilares que ela me deu, a gente sempre aprendeu a ser íntegro, a não mentir, não tomar o que não era nosso, não importa o que estivéssemos passando. Hoje sinto cada vez mais forte a solidão que imagino que minha mãe sentia nesse período, mesmo que ela tivesse algum companheiro afetivo no momento, ela sempre estava só, na missão de nos criar. E isso foi o foco dela para ter forças e continuar, por isso me remeto a ela aqui. Apesar de estar morando na mesma cidade em que a família dela morava, ela nunca recorria e pedia ajuda, sempre tentava resolver as coisas solo e com a ajuda de estranhos. Isso me magoava enquanto criança que queria ter tios e tias próximos, depois pude compreender essa escolha como uma estratégia de sobrevivência também, sobrevivência da família dela, o vínculo não era cortado, mas ela sentia que os problemas dela eram menores que os da mãe, e que ela precisava aguentar suas próprias demandas. E aqui chego em minha vó Elmira, que até esse momento era uma figura abstrata para mim.

E nesse momento sem entender a maternidade e nem a minha mãe, eu já era mãe, repetindo um ciclo de gravidez na adolescência comum na nossa família. Nesse cenário minha avó se torna uma figura presente em nossas vidas e começamos uma relação com tios e tias, aí que eu começo a compreender as escolhas da minha mãe e associar as minhas na vida

adulta, minha família materna tinha um vínculo central na sua grande maioria com atividades ilícitas (rs) em um bairro em Ananindeua, e isso incomodava minha mãe, e a minha avó lutava muito para manter seguros seus netos das bandas de lá. Tivemos vários primos assassinados ainda jovens, encarcerados e muita coisa que eu não entendia, como hoje entendo. Minha avó ficou próxima para cuidar de mim quando pari meu primeiro filho, minha mãe trabalhava muito e meus irmãos ainda eram bem pequenos, e a situação da minha gravidez também foi muito difícil, acho que minha mãe precisou recorrer a ela, com tudo que ela passou, de violências, fome, desamparo, ela nunca pediu ajuda, mas por mim, ela fez. Foi com ela que aprendi tudo sobre cuidados com bebês, e aqui eu introduzo os saberes ancestrais que ela detinha. Benzimento, banhos, simpatias, crenças e rituais que eu aprendi com ela. Não compreendia as complexidades daquelas práticas, afinal eram hábitos naturais do cotidiano. Essas duas forças que cuidaram foram responsáveis pela manutenção dos seus descendentes, dentro de toda precariedade instalada numa periferia, de pessoas simples, sem muitos bens materiais, onde essas mulheres conseguiram estruturar essa tecnologia através de suas experiências ancestrais e que fazem eu estar aqui hoje comunicando para vocês esse percurso.

Essas duas mulheres diante de um cenário com poucas expectativas trazem justamente os conceitos de que afirmo nessa pesquisa, que é a força matripotente que está em seus corpos de uma ancestralidade e que as fizeram sem toda essa argumentação acadêmica colonial, sensivelmente e empaticamente por um instinto natural cuidar e manter sua prole dentro das suas condições, traçando formas orgânicas de organização em coletividade que se amarraram e se deslocaram, trazendo nuances e salvaguardando vidas. Mesmo que muitos nesse percurso tenham sucumbido e não suportado, ainda assim elas estavam lá tentando.

Minha avó morreu aos 65 anos de um câncer que não pode nem ser tratado pela falta de acesso a tudo que se é necessário para o cuidado. Mulheres que quase não tem como cuidar de si, mas que priorizaram não por opção e sim por condição o dever empírico de nutrir esses saberes. Com minha avó aprendi que mesmo com a distância e a falta, ainda assim

podemos ser presentes e contribuir com nosso conhecimento nas gerações que se seguem, nesse convívio com ela, pude ter acesso a memória ancestral de uma família que minha mãe não teve oportunidade de sentir de sua mãe, mas que em sua neta, e bisneto ela pode resistir, trazer e perpetuar sua memória. Sua dor era tão gigante que ela conseguia abstrair, e esse traço é uma ligação em nossa família. O aparente esquecimento das dores e abstrações de problemas são uma forma de se continuar por aqui, se AMORtecer.

dor [E] silêncio

Em um pequeno livro, Vilma Piedade traz os conceitos de dororidade, e nesse recorte ela fundamenta a conexão feminina através da dor. Essa dor que atravessa corpos de mulheres racializadas, periféricas, mulheres negras. Ela está presente no nosso dia a dia de forma intensa em várias nuances, nas ausências que o silêncio nos coloca. A dor que conecta mulheres racializadas em contexto de faltas, desrespeitos, carências, cobranças, morte e descasos tanto e principalmente pela política racista, exclusão e exploração de nosso povo, que historicamente sofre os efeitos dos desdobramentos da escravidão no Brasil .

temos sido chamadas de “matriarcas”, “supermulheres” e “putas más e cruéis. Sem esquecer de “castradoras” e “mães de sapphire”. Sempre que imploramos por compreensão, nosso caráter é distorcido; quando demandamos cuidados básicos, nos oferecem títulos inspiradores e vazios, e então nos mantêm nos recantos mais afastados. Quando pedimos amor, nós dão filhos. Em resumo, até mesmo nossos talentos mais básicos, nossas lutas de amor e fidelidade, nos foram empurrados goela abaixo. Ser uma artista e uma mulher negra, ainda hoje, rebaixa nosso status em vários aspectos, em vez de elevá-lo. E, ainda assim, seremos artistas. A. walker, 2021. pag 214.

A dor que me refiro de nenhuma forma pode cair na superficialidade romântica que nossa colonialidade tende a levar. Ela de nenhuma forma pode ser encarada como natural e saudável , porém ela

está aqui, ela existe e interfere na forma que nos relacionamos com o mundo. A nossa realidade social que vem crescendo de muitas faltas, que vem do básico para viver e extrema em milhares de faltas afetivas, psicológicas e emocionais. Tudo isso vem de uma experiência racializada na Amazônia, de corpos de mulheres que lutam, não por serem guerreiras, mas sim por não haver opção de uma vida sem uma luta desgastante para ter o mínimo.

Quantos sonhos afogamos em lágrimas e esquecemos? para nunca mais ter que sentir aquela dor, naquela intensidade, distanciar do que dói, não falar, nem brigar. Diante de uma realidade em que o básico é tudo e é urgente, quantas de nós, de nossas mães velhas deixaram de sonhar, de cantar, de bordar, de pintar...de poderem ser artistas? Tudo quanto elas e muitas de nós nessa geração temos que silenciar para que essa maternidade coletiva, esse gestar o mundo, esse mundo que a gente carrega nas costas, sozinhas e incompreendidas, muitas vezes por nós mesmas. A dor é a nossa conexão.

Os silêncios que conservamos , vem de várias fontes. Lugares afetivos que não acessamos. De situações que somos obrigadas a esquecer e continuar para que sobrevivamos e possamos manter outros, na maioria que precocemente dependem também de nós, sejam irmãos, sejam filhos, netos. Pessoas que se responsabilizam por pessoas, somos nós essas mulheres que calamos sentimentos para poder sobreviver. Mas de que forma vivemos né? Nessa pesquisa venho refletindo sobre isso. O que é sonho, o que é necessidade. Me diz ser sonho fazer pós, ser mestra, ser doutora ...ou somente a necessidade de enxergar uma realidade diferente da que estou imersa? diga sim.

Lembro da primeira vez que li um texto da bell, e era justamente um sobre amor. O texto era: Vivendo de Amor, e em um trecho ela diz:

Emoções Reprimidas: A Chave da Sobrevivência.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter

certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem. hooks, bell, Vivendo de amor, 2010.

Essa repressão dos sentimentos para mostrar firmeza e impor respeito sempre foi uma prática natural da minha família e de muitas na periferia, ter que fazer tanta coisa, que nem sobra tempo para si, sentir, conversar. Falar dos sentimentos, ouvir. O quanto fomos calando para que pudéssemos continuar? Esse texto é para aquelas e aqueles que agora gritam, xingam por que se não o fizer, continuará perpetuando essa prática que foi o que nos adoeceu, porque se gritando não somos ouvidos, imagina sem gritar. Não quero nunca mais precisar calar sobre coisas que ferem a minha pele, a minha alma. São tantas formas de violência que nossos corpos sofrem, que acabamos tendo que escolher sobre o que falar, por que se não decidirmos, também adoecemos, não tem jeito. Aconteceu uma situação durante meu segundo parto; eu ainda era adolescente na época.

Estava na sala de parto, passei o natal de 2004 internada, tive uma gravidez de risco, então fiquei na santa casa. E lá vi tanta mulher sofrendo e não ser ouvida. Vi uma menina que estava sofrendo muito com dor e reclamando pras enfermeiras e ninguém dava trela, era a Marina, vinda de Muaná, no final das contas era uma ida e volta ao banheiro com aquele barrigão, até que vi uma correria na sala, um monte de jaleco branco na porta do banheiro. A menina pariu lá. Ninguém ouviu, ninguém se preocupou, era só mais um corpo de uma mulher negra, considerada forte né. Na minha vez, sentia dor e fiz tanto escândalo que minha garganta arranhou toda, eu destruí minhas cordas vocais(rs), até alguém me levar pra sala de parto. lembro de uma enfermeira dizer:

Leva logo essa escandalosa que eu não aguento mais.

No final nem adiantou, mesmo aos gritos me deixaram lá na sala de parto sozinha, naquela mesa fria, quando chegaram para fazer o parto, meu bebe já nasceu roxo e passou semana internado na UTI. Enfim, hoje eu

lembro disso rindo, quase vinte anos depois. E com vontade de socar a cara daquela mulher, hoje eu tenho tanta raiva, que vira sarcasmo e ironia, imagino que seja mais saudável para mim. Nem sabia que o que passei foi violência obstétrica, e que é comum acontecer principalmente com mulheres pobres, mulheres negras e infelizmente ainda comum. Eu ensino para os meus filhos e sempre falei; qualquer coisa grita, corre, fala. Não deixa ninguém te fazer algo que sentem que está errado e que está machucando. Minha mãe não pode me ensinar isso, porque ela foi ensinada e viu as suas pessoas aceitarem, servirem, e viu que calar era mais estratégico, seu corpo já tão violentado dentro de uma realidade onde todos eram.

Meu irmão me chama de trovão, ele dizia muito que quando eu chegava a paz acabava (rs) acho até engraçado agora, antes eu ficava magoada. Porque quando eu aprendi a falar, a romper silêncios, eu precisei gritar, precisei incomodar para que me olhassem e me ouvissem. Dizem que depois que entrei na faculdade eu quis falar mais que todo mundo, fiquei metida, e que para tudo eu tenho que falar alguma coisa.

Mas, o silêncio impera, porque eu falo, eu grito, eu questiono tanta injustiça e sacanagem que querem me enfiar goela abaixo. Mais quantas vezes em família nos falamos, abraços e acolhimento dos sentimentos de frustração e dor? Às vezes eu me sinto bem mal, porque a minha mãe não falava, ela só fazia e faz. Para ela reivindicar alguma situação só se tiver bem no limite, ela aguenta...aguenta...e aguenta. Em contraponto eu falo, hablo (rs), grito, reclamo, dou a solução também. Me mantendo superficial e fazendo com que aquilo não me magoe, me colocando num lugar acima para que aquilo não me atinja, mas a real é que me atinge e eu reprimo tudo, assim como fui ensinada. No fim é isso, “a gente só dá o que tem”. E o que eu ando mostrando e dando para meus filhos? Isso faz parte da minha dor.

Tem outro trecho que é dolorido e íntimo para mim, e aqui tenho que enfiar o texto completo da bell porque preciso que sintam o que eu senti. Nem sei se posso (ahahah).

Para conhecermos o amor, primeiro precisamos aprender a responder as nossas necessidades emocionais. Isso pode significar um novo aprendizado, pois fomos condicionadas a achar que essas necessidades não eram importantes. Por exemplo, no seu livro, *O Hábito da Sobrevivência: Estratégias de Vida das Mulheres Negras*, Kesho Scott relata uma experiência importante que a ensinou a sobreviver: Medindo treze anos, permaneci parada em frente a porta da sala. Minhas roupas estavam molhadas. Meus cabelos pingando. Estava chorando, chocada, precisando do colo da minha mãe. Ela me olhou de cima a baixo, devagar, levantou-se do sofá e caminhou ao meu encontro com o corpo carregado de críticas. Parada, com as mãos na cintura, sua sombra caindo sobre meu rosto, perguntou sem conseguir esconder a raiva: "O que aconteceu?" Hesitei como se surpresa por sua raiva e respondi: "Elas colocaram minha cabeça na privada. Disseram que não posso nadar com elas". "Elas" eram oito meninas brancas da escola. Tentei abraçá-la, mas ela se afastou bruscamente dizendo: "Que inferno! Pegue seu casaco e vamos embora".

Naquele momento Keshno estava aprendendo que suas necessidades emocionais não eram importantes. Logo depois ela escreve: "Minha mãe me ensinou uma valiosa lição naquele dia. Aprendi que deveria lutar contra a discriminação racial e sexual". É claro que essa é uma lição importante para as mulheres negras. Mas Keshno estava também aprendendo uma lição dolorosa, ao sentir que não merecia ser consolada após uma experiência traumática, como se não devesse nem mesmo esperar por isso, como se suas necessidades individuais não fossem tão importantes quanto a luta de resistência coletiva contra o racismo e o sexismo. Imaginem como essa história seria diferente se, ao entrar na sala tão abalada, Keshno tivesse recebido o consolo de sua mãe, e se primeiro sua mãe a ajudasse a se pentear e arrumar, para depois então explicar a necessidade de confrontar (talvez não naquele momento, se Keshno não estivesse preparada emocionalmente para o confronto) as alunas brancas que a atacaram. Dessa forma Keshno teria aprendido, aos treze anos, que sua saúde emocional era tão importante quanto o movimento contra o racismo e o sexismo - que na verdade essas duas experiências estavam interligadas. bell hooks

Aos oito anos sofri um abuso, e depois de todo processo médico, fui agredida pela minha mãe, segundo ela naquela época, muito jovem, por permitir que isso acontecesse, por não falar nada diretamente à ela, e pelo fato dela saber por outros o que estava acontecendo. Ela foi muito criticada, eu também. Se o silêncio tivesse permanecido a dor seria só minha, ao romper com isso a dor foi coletiva, e nós como mulheres as culpadas, e minha mãe humilhada e julgada por ter permitido isso, ela só conseguia me bater e xingar pela sua própria frustração em não saber lidar em como as pessoas a enxergavam, a lidar com as críticas e toda a violência que imagino que ela deve ter passado nos procedimentos que me levou, eu como criança assustada e com muito medo, e ela com a responsabilidade na costa de tudo o que aconteceu. A lição que eu aprendi e usei durante muito tempo, foi nunca mais falar nada para ela, e uma lacuna silenciosa se

ergueu entre nós, ninguém jamais falou sobre isso novamente. Aprendi a revidar, a gritar e a bater antes de apanhar.

O meu amadurecimento veio, e o dela também a gente se formou juntas, percebi isso com o meu filho mais velho. A gente cresceu junto, aprendeu, se magoou e se perdoou. Só assim eu pude perdoar e aprender a entender tudo o que ela passou.

Fica parecendo uma sessão de terapia coletiva, e sei que pessoas a quem esse trabalho não está endereçado, podem assim pensar. Mas, ele é para aqueles, aquelas que compreendem a poética e a importância acadêmica deste trabalho, pois, eu estou aqui e posso falar.

Levei muito tempo para digerir esse texto, e conseguir pensar nele de uma forma acadêmica. Uma forma de produzir ciência com ele. Era tão duro, tão familiar, jamais tinha aprendido que falar de si da forma que eu falo, num trabalho de arte, pudesse ser possível. Eu não conhecia, não tinha referências e para mim só me afastou do acesso e de enfrentar os sacrifícios de cursar a universidade, de achar que teria que mudar quem eu sou para poder estar lá. E eu como boa contestadora nem queria fazer faculdade, não sentia que podia ser meu lugar, que poderia fazer alguma coisa, e hoje estou aqui escrevendo uma dissertação.

curador[A]

A circularidade de aldeia, traduz uma ajuda mútua e retroalimentada , onde sujeitos interagem e integram o todo de uma forma que além de contribuir nas necessidades básicas diárias de abastecimento e sustento, se alimentam socialmente, nos campos espirituais, cognitivos e morais. Esse conhecimento empírico circular , é o que nós seres de uma mata, mesmo que em periferias urbanas da amazônia, ainda mantemos trazidos de memória sanguínea , que foi repassada geracionalmente. As mulheres dentro das comunidades indígenas e comunidades negras diaspóricas vem

por meio dessa organização social, e que exerce o poder principal dessa manutenção e continuidade.

Essa força que é oriunda de uma experiência com a criação, o movimento primeiro fêmea, e a essa força ancestral que vem de uma estrutura social que se fundamenta no cuidado espiritual desses seres que se trazem ao mundo e que integram a comunidade. Entende-se que esse papel de cuidado não é só exercido pelas fêmeas, e sim é um compromisso da aldeia, que se compromete com aqueles indivíduos e com a suas gerações e legado. Nesse sentido as fêmeas têm um protagonismo primordial dentro da dinâmica de existência e sobrevivência cultural e espiritual desse grupo.

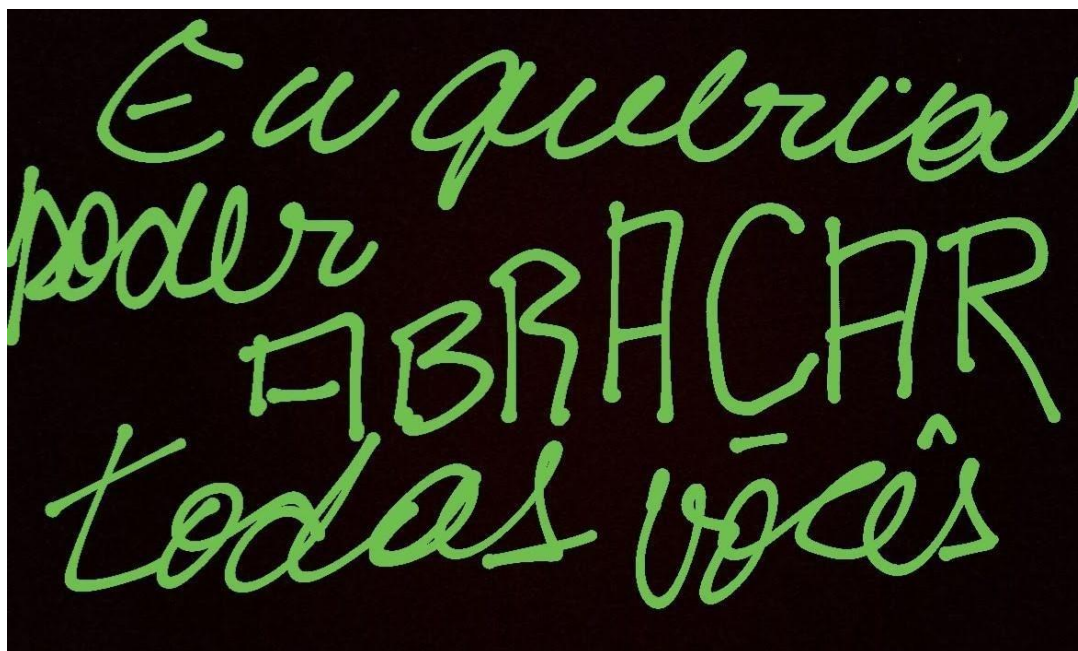
A partir das invasões, disputas territoriais, e contatos com povos e populações ocidentais mercantilistas que atuam numa lógica totalmente desconectada de valores comunitários e sentidos coletivos horizontais, nosso povo vai adentrando numa lógica em que esses cuidados vão sobrecarregar nossas mulheres, dentro de uma perspectiva de exploração e na contra ordem disso, nós mulheres da periferia acabamos arcando exclusivamente por necessidade, pela tomada de decisão e comportamentos e iniciativas de luta e resistência. Haja visto que nossos homens vêm sendo constantemente perseguidos, criminalizados e assassinados dentro dessa lógica racista que se estabelece dentro da história da construção da sociedade brasileira. Nossos jovens atacados, reprimidos e acuados, atuando em espaços que não os acolhe e justamente pelo vigor da juventude, tem esse senso contrapósitor, que questiona esses valores de civilidade colonial impostos para eles desde cedo. Assim, são os homens e jovens os alvos explícitos de toda essa violência, e que mulheres negras, indígenas e periféricas, vem lutando diariamente.

Dentro dessa introdução nossos corpos ficam vulnerabilizados e sobrecarregados, e muitas sucumbem e não tem a força de continuar, e se não desenvolvermos nossa força, nos conectarmos nas nossas identificações com nossas dores, não conseguiremos continuar a existir.

Em nossa experiência de um povo colonizado e que foi introduzido nos meios de produção e sistema mercantilista europeu, em que se classifica, hierarquiza e formata corpos e ideias. Entramos em zona complexa e confusa na relação em que estabelecemos com o que está imposto socialmente, onde ainda enxergamos os protagonismos femininos como moeda de valor e troca, ou simplificados numa lógica maquinal. É preciso enfrentar esses olhares e reflexões a partir de olhares centrados nessa perspectiva branca, ocidental, faço essa introdução de cenário instalado para que possamos compreender a valorização dessas individualidades coletivas.

Durante a fase mais severa da pandemia com o isolamento total, surgiu uma intensa convivência virtual por conta de um grupo que criamos no whatsapp. Esse grupo se tornou a forma principal da gente conseguir aguentar o rojão que foi conviver com todas as sobrecargas domésticas que fomos empurradas inevitavelmente.

Vínhamos de uma rotina comum de trabalho intra e extrafamiliar, como mulheres que são gestoras de seus lares e responsáveis pela maioria dos cuidados. E na pandemia não foi diferente, a higienização da casa, dos produtos que chegavam em casa, e que nós identificamos que éramos as únicas na residência que responsabilizavam pelo controle da limpeza, para conter a transmissão do vírus, o cuidado sobre isso. Assim nos aproximamos muito e tornamos essa rede social uma plataforma terapêutica de escuta, lugar onde nos sentimos menos sozinhas. Esse apoio mútuo proporcionou uma das mais potentes resistências nesse período. Nos ouvir, e sentir que nossas preocupações e desafios eram parecidos, nos proporcionou aproximações. E aqui trago alguns trechos desses diálogos, que proporcionaram para mim, nesse momento terrível que passamos também uma compreensão da importância do cuidado e afeto para que a gente sobrevivesse.



pixo digital Débora Oliveira,2021.

Apesar do distanciamento imposto pela pandemia, aqui de onde eu falo isso ocorreu de uma forma completamente diferente das que eu percebi e observei em outros lugares. A minha rede de afetos se intensificou ainda mais nessa pandemia, conectadas pelo sofrimento e pelas sobrecargas que ficamos responsáveis nessa pandemia. Tudo se intensificou e entendi que precisávamos e estávamos realmente num processo de cura. As pessoas com que eu interagi e fui atravessada, já eram as pessoas que eu enxergava as potências criadoras, e agora estávamos nessa luta de sobrevivência, como sempre estivemos, só que agora muito mais espremidas e mais frágeis. As experiências individuais de enfrentamento aos diversos contextos adversos que chamo de tecnologias. São as nossas culturas na forma de gerir as famílias, o sustento e a vida de cada integrante filho biológico ou comunitário. Nesse conforto que encontramos e como sabemos bem, que a pandemia o isolamento social para o povo que trabalha no setor de serviços, foi quase impossível a duração desse isolamento. Com o tempo, pelas próprias naturalizações do cenário pandêmico, do descaso com a higienização, afastamento de um povo que precisa continuar se mantendo. A loucura que foi o processo para a obtenção do auxílio emergencial que muitas pessoas ficaram à mercê, a incerteza. As pessoas morrendo mais e

mais a cada semana, e como o povo lotando os ônibus na volta do trabalho. Como artista que trabalha em contato na rua, eu fiquei totalmente impossibilitada de trabalhar, nesse momento ainda não recebia bolsa, e por conta do auxílio consegui ir sobrevivendo. e essa pandemia durou milênios no nosso emocional. A vacina ainda não existia, e a gente contava e precisava continuar. Todas já passavam por muitos desgastes familiares, expostas e exaustas. Suas famílias estavam expostas ao vírus diariamente, por conta da rotina de trabalho externo que não podia parar.

A gente adiou bastante, mas já meados de 2021 e o desespero e a vontade de estar próximas, acabou acontecendo. Organizamos restritos encontros que nos deram forças para articular e pensar em um futuro próximo, a ter esperança, a lutar contra toda desinformação e polarização que estamos e estávamos vivendo. Sem isso talvez eu nem estivesse dando esse relato para vocês, a minha compreensão pandêmica e psicológica seria totalmente diferente.



self,2021.



foto, Wbs Barros, 2021. Vanessa, Mina, eu.



self, 2021. Renata, Vanessa e eu.



self, 2022. Renata, Vanessa, Kell, Pâmela.



self timer, 2021. Vanessa, Mina, Lua e eu.

Mesmo estando em um centro urbano, uma capital, nós habitamos o mato, que é território ancestral de nossos seniores. Aprendemos não de forma racionalizada, essas práticas são herdadas, e nas práticas coletivas de cuidados e sobrevivência a que somos ensinados a continuar, para viver nas comunidades, buscando cada vez mais tecnologias para fazer nosso povo continuar. Aqui trago o referencial principalmente feminino, justamente pela realidade social severa de nosso povo, onde homens adoecidos, assassinados e excluídos de suas paternidades por inúmeros motivos, e onde as mulheres emergem como força motriz essencial na manutenção da vida. Isso não vem atribuído ao feminismo, por isso inclusive nesse percurso não ouvi mulheres que se identificassem com o feminismo, mas decorre de uma realidade estabelecida, que se lida há séculos, apagamentos de famílias negras e indígenas, onde o povo precisa continuar como consegue. É a força de Íyá nesses corpos que traz essa tradição de manter a prole, e os fundamentos espirituais essenciais para a vida.

Junto com muitas que vou continuar, e demonstrar como uma arte da necessidade, tem sua força e sua importância no desenvolvimento da minha própria tecnologia de sobrevivência. Teço e pontuo algumas narrativas anteriormente, justamente dessas mulheres que são a minha base e referência primeira, por várias questões as minhas relações são femininas.

Trazendo com essa reflexão outras mulheres que também foram importantes tanto nas ações que eu já vinha desenvolvendo com a arte, assim como muitos afetos e convivências que são o principal motor criativo dos meus processos artísticos. Emergir raízes identitárias de nossas vidas, onde encontramos parcerias, acolhimento e afeto.

- **vanessa**



Foto, Débora Oliveira, 2022.

Vanessa era a pessoa naquele momento que sempre propunha e proporcionava o nosso alimento a cada encontro. Ela traz em sua essência uma majestade altiva, sempre cuidadosa nos detalhes, arrumada e bem vestida, lembrando aqui que era um período em que a gente estava acostumado a vestir pijama o dia todo (rs), ela trazia uma força dourada na presença e nas ações, que afetava a todas nós e que nos estimulava a não definhar nos nossos próprios cuidados.

Por isso aqui preciso falar um pouco de Vanessa. Ela foi a principal proponente desses encontros, uma mulher que já integrava vários coletivos de agitação cultural no Bengui. Foram nesses eventos em que ela sempre estava “tramando” que a gente se conheceu. Até que a gente sentiu confiança uma na outra para fazer um trampo juntas antes da pandemia, a

ideia do evento era juntar as entidades culturais e principalmente promover uma feira empreendedora da associação de moradores. O evento aconteceu graças à força e união de muitas mulheres e uma pessoa chave que é o Marcelo, que também é o companheiro da Vanessa. Desde aí a nossa amizade só vem se fortalecendo e encontro nela uma força muito expansiva, e sei que ela encontra em mim essa força também, não com o glamour dela, com certeza (rs). Essa é uma das mulheres que eu preciso gritar aqui, pois ela traz toda importância a essas ativações femininas.

Sua estratégia de sobrevivência sempre foi potencializar a sua relação com a beleza, ela tem isso muito forte na personalidade. Toda essa energia criadora e agregadora que vem dessa fonte vital, ancestral, da beleza e poder. Articulada e definidora de ações em prol de uma coletividade, com seu poder de persuasão e a doçura no falar, ela sempre consegue encaminhar o que é necessário para que os grupos em que ela se envolve sejam beneficiados.

- **verônica**



Foto, Débora Oliveira, 2022.

Depois que conheci vero, nunca mais fui só.

A gente se conheceu no curro velho que é um núcleo de Arte/oficinas do Estado do Pará, e desde então somos parceiras na arte, que é viver de arte. Nessa loucura que é ser artista mulher, periférica e racializada aqui em Belém. Já fizemos tantas coisas juntas que nada que eu fale pode representar a quantidade de amor que sentimos uma pela outra, são décadas de parceria e principalmente confiança. Ela é uma das mulheres que eu me identifico, e divido. Principalmente na solitária vida de artista. A gente se compreende, se defende . Desses tipos de amizade que não sabes explicar, que é espiritual.

Vero é uma mulher que tem os pés bem fixos na realidade que vive, e a pessoa com quem mais me identifico, porque apesar de estarmos lutando pelo mínimo a gente ainda consegue se alimentar na arte, para se manter com sonhos, e acreditando que podemos colher se plantarmos. E é assim, que a gente vai continuando. Uma mulher que apesar de todas as tensões familiares por causa da sua sexualidade, é pela família dela em primeiro lugar, uma família constituída só por mulheres e uma família evangélica. Hoje com a maturidade que ela já adquiriu, os sentimentos são mais brandos com relação a aceitação na sua estrutura familiar. É uma artista potente demais que apesar de todas as lutas e trabalhos, ainda não é visualizada da forma que merece, e esse é um dos motivos pelos quais a gente articula e debate muito. Sua forma de existir, ponderar, ter uma empatia imensa, buscar soluções, e ter um profundo amor pelas pessoas, apesar de nem sempre ser recíproco, ela ainda consegue ser altamente altruísta. Nossos diálogos em vida arte partem da compreensão de território e identificação, na parceria através das dificuldades que enfrentamos juntas, isso só fortalece nossa amizade e nossa parceria.

- **renata**



Foto:

Pâmela Carneiro, 2019.

Uma mulher que conheci desde a escola, sempre envolvida nos movimentos sociais, grupos e ações no bairro em que a gente mora. Nunca fomos próximas na amizade até 2018, por muitos motivos, um deles foi a minha gravidez na adolescência, assim, como minha mãe a maternidade me excluiu de estar em muitos lugares, alguns por muita vergonha pois, eu acreditei durante muito tempo, que a culpa de ter um bebe e todas as responsabilidades que vinham com isso eram minhas, isso me afastou da escola, eu sofri muita discriminação do/as colegas de turma e da própria coordenação da escola na época, tanto que tive que mudar de escola quando resolvi retornar os estudos, já aos 18 anos. Essa situação me afastou das amigas que poderia ter tido no começo da adolescência, e me impediu de continuar com as amigas que eu já tinha, porque os responsáveis pelas minhas amigas naquela época, achavam que eu era uma pessoa que sujaria a imagem das filhas. Isso me isolou demais na adolescência. Quando eu volto a estudar, já estou grávida do segundo filho, e com muito ódio no coração (rs) ou seja, poucas ideias e disponibilidade para as pessoas. Foi bem difícil reconstruir os laços com pessoas, eu estava muito ferida e não aceitava ninguém porque achava que todos iam me criticar, os poucos amigos que tinha, encontrava pouco, por todo o rolê da própria maternidade.

Como a gente não era do mesmo ciclo na infância e pré-adolescência, a gente só se conhecia de se sacar de bairro mesmo, Renata me conta que no ensino médio ela me achava muito metida, sempre de cara fechada. Enfim, com esse cenário a gente só se aproximou por causa do espaço cultural do Totó, que é uma liderança comunitária que tem um lugar importante de articulação comunitária de esquerda. Lá eles têm um projeto que já tem mais de 25 anos, que é o Mulekada Cidadã. Depois desses nossos contatos por causa do projeto em que eu colaborei durante um tempo, a gente se uniu mais, Renata, Vanessa e eu fizemos um trio, éramos as manas mais jovens no projeto, e sempre traziam questões que incomodavam a galera mais antiga, e isso acabou que nos aproximou de uma forma tão intensa e verdadeira que uma grande amizade foi nascendo,

essas nossas dores e incômodos foram o que nos aproximou dentro desse coletivo, nossos objetivos, e visões sobre a aplicação das ações, coisas básicas mesmo, com relação a conteúdo, interseccionalidade, pautas e etc. Acabamos nos afastando desse grupo e começamos a pensar em outras formas de colaborar já que o diálogo dentro do grupo era muito fechado. Renata é uma mulher retinta, formada em assistência social e que enfrenta muita dificuldade em trabalhar na sua área de formação, dedica seu tempo entre trabalhos voluntários nas entidades do bairro, como Emaús e o Grupo de mulheres brasileiras, trabalhos domésticos sem regulamentação, e um empreendimento de café da manhã aos finais de semana, onde articula com amigas a infra de delivery. Assim, ela sobrevive, ela ainda cuida de inúmeros animais e na família, onde tem sobrinhos pequenos. Sua empatia, e vontade de ajudar, de estar e resolver problemas é uma força imensa. É uma mulher jovem, sem filhos biológicos, que materna todas as instâncias de vida em que ela transita. Tem um sonho de poder viver de sua profissão (que é o mínimo) mas, para mulheres pretas parece um luxo, e ela ainda consegue tempo para investir no seu sonho de cantar. Todos esses adjetivos, ações e articulações que ela promove, são muito importantes dentro da nossa comunidade feminina. E é por isso que ela está nesse texto, onde eu defendo essa tecnologia de sobrevivência dela, onde com todas as adversidades ela mantém a arte na vida dela, como forma de se curar, de ser feliz em meio a tantas desvantagens que a vida lhe impõe.

Fazendo a curadoria dessas mulheres, vou propondo a imersão do meu processo de vida/arte, trazendo nas imagens desses rostos e histórias, a costurando desse diálogo. Cada uma delas traz sua tecnologia de sobrevivência, e essas características são muito visíveis e potentes para mim. E constituem meu viver arte, minha pesquisa nesse programa.

TERCEIRA PARTE

tecnologias de sobrevivências

Aprendi com minha rede afetiva e de desafetos a encontrar a mim, e a nós encontrar. Nas práticas cotidianas de lidar com as “coisas da vida”, tão naturais e comuns. As redes solidárias coletivas sempre estiveram presentes daqui de onde eu falo, sejam nas práticas de cuidados entre vizinhanças, nas fofocas que a gente odeia; nos banhos; unguentos e xaropes que a gente aprendia e tomava por não ter um suporte de acesso a medicina formal, que fosse imediata. Mas, que também e, principalmente, são manifestações cruciais das nossas ancestralidades. Logo, a forma como a gente se fricciona em rede e se movimenta, produz, resolve e ressignifica problemas que nem fomos nós que criamos, mais que atingem diretamente a nossa vida de forma integral, sempre foram, daqui desse ponto que eu descrevo e observo, as tecnologias de sobrevivências de nosso matriarcado periférico que permitiu as nossas sobrevivências.

Essa pesquisa se apresenta pela existência de uma rede solidária de pessoas que compartilham de um ponto de experimentação de vida, que me atravessam e me estimulam a continuar, através da identificação de diálogos com a arte, uma arte descentrada de valores estéticos e canônicos brancos.

Uma arte como a vida, de traçar estratégias, celebrar os momentos que estamos ainda vivos e presentes, uma arte que surge da necessidade de comunicar, trocar, plantar, construir e mostrar caminhos possíveis onde estamos sobrevivendo e querendo viver.

Como essa arte é produzida como uma técnica de sobrevivência que desenvolvi para continuar resistindo e existindo diante de um cenário

sociocultural muito complexo e adverso, e que essa mesma identificação sociológica se dá um povo não branco e fruto de um processo colonizatório de apagamentos epistêmicos originário tanto de povos africanos que vieram para esse território através da escravização, quanto de povos originários deste território que também foram escravizados, que segundo Gonzalez 1987:

“Por conseguinte o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram a América muito antes de Colombo. Ontem e hoje amefricanos oriundos dos mais diferentes países tem desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica, na diáspora, uma experiência comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada”. GONZALEZ, Lélia. A categoriapolítico-cultural de amefricanidade. Pg, 77

Assim, apesar das práticas e cultura fundamentada em matrizes africanas, existe uma complexa negação nas periferias, justamente por conta da introdução massiva do cristianismo. Identificar as semelhanças nos modos de viver do meu entorno desde a infância, desde os cuidados maternos coletivos de nossas crianças, as formas de driblar e adaptar para construir nossas próprias técnicas de viver em comunidade. Levando em conta as especificidades que nossas periferias estão inseridas e como nossa cultura se estabelece, que vem totalmente dessas matrizes africanas e nosso povo originário. E é por isso que entendo a importância desse trabalho se estabelecer nesse reconhecimento identitário diaspórico. E narrar essas vivências para que percebamos como cada indivíduo/a traçou sua estratégia para continuar existindo, e que essas iniciativas me permitem fazer/pensar sobre o nosso território criativo e das necessidades.

narrativas periféricas femininas

Conviver exige empatia, cuidado e atenção nas ações que nos atravessam. Dentro das complexidades de cada um surgem os conflitos, atritos, proposições e soluções, aqui relacionando as convivências em coletividade que geralmente estou inserida, por vezes coletivos criados e

geridos, mas em sua maioria essa coletividade espontânea que surge das necessidades dentro dos contextos que falei aqui desde o começo desse trabalho. Sempre essas necessidades que são várias e passam por todas as complexidades humanas Essa ação que vou narrar, surge de uma urgência de duas mulheres com que convivi principalmente durante o Bengola N'Ativa, que foi um projeto aprovado coletivamente em um edital estadual, na proposta envolvia uma oficina de cinema, e a produção de um documentário sobre o bairro. Mesmo já conhecendo-as de outras atividades que estavam sempre envolvidas dentro do bairro do Bengui, a gente se reaproximou bastante. As duas são integrantes de um importante grupo feminista dentro bairro do Bengui, que é o Grupo de Mulheres Brasileiras mais conhecido como GMB, que já atua há mais de trinta anos dentro e fora do bairro, promovendo ações educativas, acolhimento e trabalho para mulheres em situação de vulnerabilidade. Faço esse pequeno resumo do grupo, que apesar de não ter participado ativamente, foi um projeto importante que observo e acompanho desde a infância no bairro, como seus cortejos culturais, rodas de conversas e feiras solidárias (termo usado muito antes de economia criativa, que agora é muito popularizado). Essas manas que se conectam comigo, e revelam interesse no meu trabalho com pintura.

Bete, Pamela e eu nos aproximamos nessa perspectiva da arte e educação , do aprendizado através da convivência e proposições comuns. de pensar na convivência e ativações femininas como potência de existência, e isso foi muito importante para mim, principalmente em meio a pandemia tentando sobreviver, poder ser acolhida na confiança de mulheres que acreditaram em mim e nesse processo da produção artística. Essas atitudes em arte propiciaram a nossa sobrevivência emocional e psicológica, e que só foi possível justamente por essa rede toda que venho tecendo desde o começo desse trabalho.

- **casa pâmela**

Pâmela propunha ser um dia das meninas (rs), onde ela abriria a casa dela, faríamos brechó e convidarmos manas para esse espaço, na ideia de se fortalecer mesmo, fazer uma comidinha que aquecesse nossos

corações, um batuque pra mexer o corpo, tinta na parede para reavivar aquela rua. A proposta apesar de parecer evento multicultural, na verdade era uma forma da gente se encontrar e poder dividir, conversar, vender, comer, beber, tocar, enfim, poder estar juntas em uma outra atividade que não fosse o cuidado doméstico e as sobrecargas que estávamos passando nesse período pandêmico. Toda essa proposta e articulação vem de Pâmela, que estava no fluxo do encontro, a maioria de nós ainda estava bem receosa por conta das idas e vindas do isolamento, vacina em andamento, porém lidando com muitas questões emocionais.

Enfim, esse grupo se formou, foram outras mulheres que pude conhecer e aprofundar o contato. Graziane foi uma delas, nos proporcionou um alimento e conhecimento de algumas “encantarias”. Fizemos uma vivência com tambor, pintura, canto, e as crianças correndo pela casa durante todo dia.

Foi um dia tão especial de convivência que foi até difícil pensar nos registros, que acabaram acontecendo de forma espontânea durante o dia.



foto, Pâmela Assunção, 2022. Vero, Renata, Aline, Grazi e eu.

- **casa bete**

O muro da casa da Bete foi uma reverberação da ação da casa Pâmela, há um tempo ela já queria essas pinturas nas paredes de seu quintal. E com o trabalho que fizemos anteriormente, ela quis juntar uma coisa que ela sempre quis com uma relação imersiva com as meninas, o intuito era mesmo da ação na Pâmela. Tornar aquele espaço, um ambiente mais agradável, e nesse caso prevendo receber as pessoas já que na sua própria rotina doméstica é uma constante.

Bete é uma importante figura do grupo de mulheres do Bengui/ GMB, além de articuladora e uma importante organizadora de eventos, também é professora da rede pública de ensino. Com isso tem uma vasta experiência de anos em educação escolar, e média paralelamente com suas ações no grupo de mulheres, ela gerencia seu tempo em muitas coisas. Conheci Bete no curso do Bengola N'Ativa, projeto que vou falar mais à frente. Ela se identificou bastante na construção de roteiro para cinema. Justamente por ter essa vivência na educação e na narrativa, assim como eu, então acabamos muito próximas. Bete sempre traz questões relevantes de um ponto de vista metodológico aos processos, e isso me estimulou bastante a continuar tanto na pesquisa, quanto no projeto, como era uma oficina que foi na pandemia, tivemos muita dificuldade em terminar, e tivemos que ter muitas precauções durante a oficina e produção dos documentários, Com isso Bete por ser uma pessoas que também é articuladora, me ajudou bastante

Desde o projeto estávamos mais próximas, e apesar de não ser frequentadora do GMB, eu sempre estava próxima pela relação que estabeleci com as meninas. O convite surgiu da perspectiva de que fosse uma oportunidade de lazer, trocar o contato entre mulheres. E nesse processo está inserido seu companheiro, Jorge, uma figura importante que proporcionou bastante ajuda nesse processo e inclusive no processo do documentário.

Ela fez toda a articulação, entre as meninas. Inclusive chamando Verônica, e todas as manas mais infra necessária. Daí surgiram as ideias, de construir um "cenário encantado" já que todas se consideram bruxinhas e bruxonas perante a sociedade. A ação envolveu toda a família dela, inclusive seu filho Ivan. A pintura foi totalmente colaborativa e terminamos com uma inauguração do quintal, e várias propostas de continuar com a ambientação do quintal, para que seja um espaço de convivência cada vez mais aconchegante. Ou seja, ideias que foram surgindo a partir exatamente do bem estar que a pintura e o trabalho colaborativo gerou. E o importante nesse trabalho foram as afirmações que pudemos ter nesses dias.



self timer, 2022. Bete, Aline, Vero, Renata e eu.

narrativas coletivas

Aqui vou descrever algumas ações que só foram possíveis vivência coletiva e ativações femininas, além editais de incentivo público, afinal, é muito difícil que a gente organize um trabalho consistente e de abrangência, e representatividade dentro da perspectiva de falta de recursos. Geralmente fazemos muito trabalho cultural, mas que, é um trabalho feito sem grana nenhuma, e acumulamos todas as funções, isso faz com nos sobrecarreguemos muito, e nem reconhecemos isso como um trabalho

rentável, porque acreditamos no trabalho social, e que trará benefícios para nós mesmos e para a nossa comunidade, e assim criou-se uma cultura entre nós produtores e agentes culturais periféricos, de quem não se pode viver desse tipo de trabalho. Eu venho nesse movimento de mostrar que só a gente que faz produção cultural na periferia que tem pudores em usar dinheiro público para remunerar nossos trabalhos, em muitos lugares pela minha experiência da convivência nos meios artísticos aqui de Belém. A uma questão que é sim, dever do Estado, ele que nós deve até a “alma”, e cada vez precisamos ter acesso a editais. Enfim, só fui capaz de poder escrever e estudar esses editais pelo meu contato com a escrita acadêmica, e a minha ideia sempre foi fazer junto com a minha galera esses trabalhos, aí a gente se potencializa, traz e faz trabalhos que nos represente, além de poder nos equipar e minimamente se remunerar.

Essas ações que considero serem de extrema importância nesse período, por justamente virem de relações que foram estabelecidas em um processo anterior de trabalho com arte e que me renderam amizades genuínas que reverberam muito em meus caminhos, a gente se encontrar e se fortalecer através de um processo coletivo, que também passa pela relação com/de mulheres em suas complexidades e força para providenciar e propagar ações e movimentos. Isso é uma característica extremamente latente e definitiva nos processos que venho narrando e que são protagonistas de maioria feminina, na necessidade e desejo de mudanças para si e seu entorno, suas pessoas e afetos. Isso se configura em energias curativas tecidas espontaneamente por mulheres para prover bem-estar social apesar das sobrecargas. É através delas que me enxergo nesse movimento circular e expansivo de fricção através do afeto e da arte.



pixo digital 2022, Débora Oliveira.

terra inundada

Terra inundada é um importante projeto, que acontece um pouco antes da pandemia, ela delimita a minha conscientização teórica e estética, onde abordo as influências que a periferia, as relações afetivas e o território tem na minha forma de produzir arte. Ele acontece por causa de uma convivência no Mercado do Porto do Sal, que começa a partir da minha participação no projeto Aparelho. Eu trabalhava como estagiária de Elaine em 2013, junto a Verônica e a Vivian, ajudamos em um projeto de pesquisa que ela desenvolvia, e assim ficamos próximas do Porto do Sal, para almoços, lanches, cervejas e etc, logo fizemos amizades. O Coletivo Aparelho é fundado assim, com a gente sendo convidadas pelo Dinho que é um antigo permissionário a fazer exposição dentro do mercado, ele acompanhava nossas conversas sobre arte. O Aparelho e tudo que vem com e antes dele desde 2013 naquela zona portuária, é resultado de ligações de trabalho e afeto entre muitas pessoas.

Minha trajetória lá no mercado, sempre foi de articuladora com a comunidade e os artistas, propomos e fizemos oficinas e pinturas pelas

comunidade com o Pitiú. Esse trio era formado por Vero, Vivi e eu, e começamos lá pelo Curro Velho, na intenção de compor trabalhos juntas e dividir custos de ateliê e produção. Como fazíamos parte de um núcleo de gravura do curro, conhecíamos Elaine de lá também, e aí essa parceria se formou, ao ponto dela nos chamar para tramar com ela. Importante para mim, pontuar esse começo, dessas articulações femininas que impulsionam as afetações que vão iniciar o terra inundada.



foto, Débora Flor, 2013. Vero, Vivian e eu.



Logo Pitiú



foto Ursula Bahia, 2014. Vero, Vivian e eu.

É o meu coração

“*Terra Inundada é o Meu ♥*” é um projeto de pesquisa e experimentação artística premiado pela Fundação Cultural do Pará, que é começo das idéias para minha linha de pesquisa e trajetória acadêmica que fala de matriarcado, narrativas periféricas, identidades artísticas, vida arte precariedade e produção artística “marginal”, que é através da minha própria trajetória que identifico fundamentos e representações do que é arte, assim, proponho que a nossa estética principalmente afroindígena amazônica e periférica vem justamente dessas complexidades sociais e por isso, muitas de nossas produções nem são consideradas como obras de arte, como é o caso do artesanato na nossa região. Isso ocorre tanto por causa do que se entende como arte hegemonicamente como conceito, que é justamente esse conceito eurocêntrico e higienizado, que faz com que todas as outras formas de se existir dentro de uma produção e reflexão sobre arte sejam “marginais”. Se cria esse artista superior e onipotente assim como o deus

cristão. E essa perspectiva é muito complicada e traz todas essas situações, conflitos e invisibilidades afinal, a arte é imanente ao humano, segundo os próprios discursos dessa arte hegemônica, aí que está o principal problema; essas pessoas racializadas e guetificadas nem são consideradas por muitas vezes humanas, e por isso suas produções artísticas nem são vistas como Arte por esse sistema organizado de Arte.

Os meus trabalhos no Porto do Sal eram geralmente no grafite, gravura, lambe, mas, conforme eu ia trampando e conversando com as pessoas fui percebendo da fala de muitas (praticamente em todas) a fala da falta de registros e da autoestima. Muitos fotógrafos passaram pelo Aparelho e mercado do Porto do sal tivemos várias vivências e orientações fotográficas principalmente com as crianças, e as mulheres com quem conversava sempre reclamavam que: “passa tanta gente aqui pra fotografar e nunca deixam para gente as nossas próprias fotos”.

Essa fala é sintomática de uma série de incômodos que eu passei nesse tempo de projeto, que é de como as pessoas de fora, por existir ali uma comunidade e um contato forte com arte, relação com o próprio espaço e outras coisas, enfim, como acabam fetichizado o lugar, a história de fazer foto bonita, expor uma realidade que nem é a sua. Essas falas das meninas me incomodava muito, na verdade sempre me incomodou esse trabalho de imagem lá no mercado, mas quando eu ouvi elas e conseguir me sentir representada e acolhida foi muito especial, e eu como artista estando no lugar intermediário que estou, nem tão lá, nem tão cá, queria fazer alguma coisa sobre isso. Eu tenho uma história com a imagem, rede social, interferência, que nem entendia que podia ser um trabalho, então conto o processo de como **terra inundada** nasceu, disso, vários incômodos e muita vontade de contribuir com o meu trabalho num campo que a relação com elas e com os de fora, que me afetava, e as afetava. Foi aí que pensei nessa escrita para o projeto, que fala de autoestima feminina, levando com muita seriedade o fato de aquelas mulheres trabalhadoras do mercado e eu trabalhadora da arte, como estávamos conectadas, elas como a minha família tem poucos registros, e como são as coisas né? Ao mesmo tempo

que todo mundo tem um celular na mão e podem se fotografar, as mulheres de lá não se viam nesse lugar de ver, se fotografar, postar. Parece pequeno mas, isso é muito sério nessa perspectiva de mulheres trabalhadoras, minha mãe tem a mesma forma de agir, tanto pela dificuldade com a tecnologia, quanto pela dificuldade de se ver bonita, tanta demanda para fazer que nem dá tempo de passar pela cabeça essa parte. Na minha geração isso já é mais ativo, eu sempre me recusei a repetir esses comportamentos que a minha mãe ainda tem, que pela demanda familiar e financeira a gente não se cuida, não se olha, e às vezes nem se ama. Esse processo de se amar, se achar bonita, é uma resistência quando se tem um trabalho doméstico, um trabalho pesado e pouco remunerado. Eu sempre me recuso, e até nesse recusar a gente é criticada, por gastar dinheiro com “beleza”, tudo que a gente faz para se sentir melhor, que através do trabalho doméstico, e cuidados com os filhos, parece luxo, principalmente com nossos próprios companheiros e família. A gente que é pobre, geralmente precisa priorizar, como eu disse anteriormente a sobrevivência! Mas essa sobrevivência não é só a física, é a emocional e psicológica também.

SEM AUTOESTIMA NÃO HÁ REVOLUÇÃO_ Katumirin

Eu achei muito importante que esse trabalho fosse de fotografia para e com elas. E agora um novo problema, eu nem fotógrafa era (rs). Por isso, te digo que a arte que eu faço surge da necessidade assim, como elas criam tecnologias de sobrevivência eu crio essa minha na adaptação, na solução de problemas dentro da perspectiva da imagem, da arte, tentando sempre que as coisas que eu sei que são possíveis fazer, possam atingir e beneficiar o máximo possível os meus e as minhas redes, e nesse processo a proposta que foi aprovada pode acontecer. Passei algumas semanas com elas, pensando nessas fotografias, e elas ajudaram a pensar nessas edições, tudo foi feito com celular, a proposta era justamente mostrar que a gente pode fazer uma boa foto com celular, mostrar as edições que elas curtissem e também de que não é só quem tem dinheiro ou câmera fotográfica que pode fazer um ensaio. Vou mostrar aqui algumas das mulheres com quem fiz esse trabalho artístico.

- **tia emília**

... .que inclusive é a primeira que me referencio, ela faleceu na pandemia, isso foi um impacto muito grande para todos. Uma mulher que trabalhou naquele mercado há quase 60 anos, entre idas e vindas, ela contava da sua trajetória lá na zona portuária. Sempre trabalhando com alimentação para sustentar seus filhos, ela era natural de Barcarena, que é uma cidade do Pará próxima a Belém. Ela sempre muito ativa e dividia seu trabalho entre idas e vindas de Barcarena quase todos os dias.

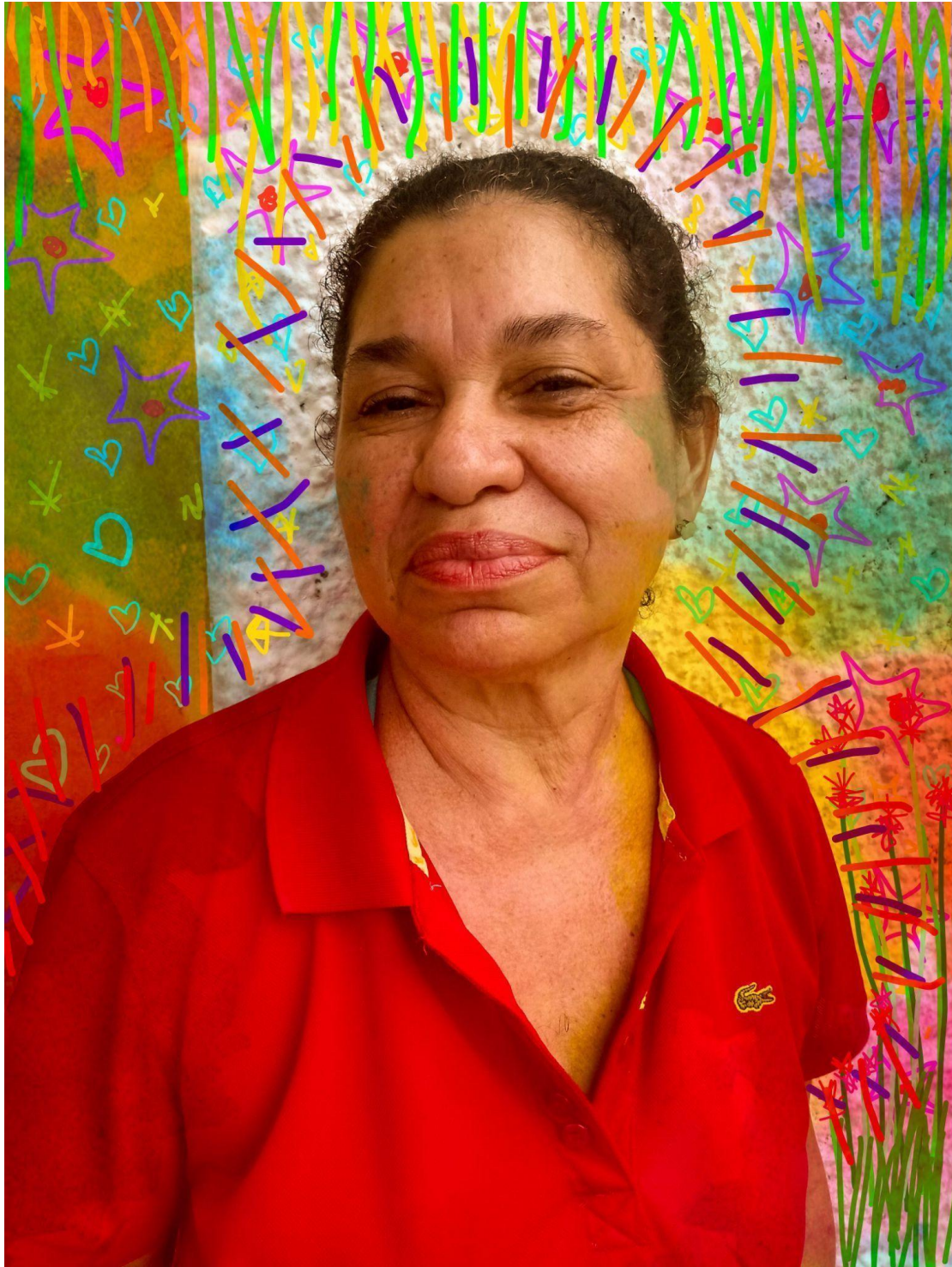
Eu presto essa homenagem a ela, e que bom que podemos eterniza-lá em mais uma forma. Ela representa muitas mulheres trabalhadoras e que precisaram ser fortes e não sucumbir, nelas que me fortaleci , e fico grata de poder ter passado pela sua vida e contribuído em vida, de ter trocado e ouvido suas histórias.



Pixo digital,2019..

- **lete**

... .é o amor do Aparelho, uma das pessoas que quis e faz questão da nossa presença no mercado, parceira para tudo e inclusive nossa defensora. Uma mulher sempre disposta e mesmo doente, tá trabalhando, ela conta que esse mercado faz parte da vida dela. Além de outros conselhos pessoais e uma perfeita curadoria nas ações(rs). É sambista, bicheira, cozinheira, articuladora do mercado, ou seja, uma mulher de uma importância inestimável(êeee, rs) para aquele mercado. Somos “team Lete”!



pixo digital,2019

- **sônia**

...é muito dolorido fazer a curadoria para as mulheres que vou tecendo comigo aqui nesse texto, é claro que é uma dissertação e nem tempo eu tenho mais. Mas vou fechar essa parte do terra inundada com a foto da Sônia, que naquele mercado sempre foi uma mãe para nós, chamava a gente de meninas da biblioteca, sempre preocupada com a nossa alimentação, e dizia que a gente parecia muito com as filhas delas, que mesmo estudando arranjavam tempo para fazer outras coisas, e ela ficava emocionada da gente com muita dificuldade estar lá para abrir a biblioteca e receber as crianças, fazer oficinas. Sônia gostava muito da gente e tinha muita empatia pelas crianças do mercado, ela sabia que aquele lugar não as acolhia nas suas infâncias, sabemos que zona portuária é uma zona de fluxo e por sequência violências. Sônia agora passa por um processo de depressão terrível, algumas sequelas da covid e a morte da mãe na pandemia, ela é filha da Tia Emília, e as duas trabalhavam a vida toda no mercado, Sonia me conta nas conversas virtuais que além da morte da mãe o que mais a adocece e ter perdido seu box no mercado, como ela adoceceu e passou por tanta coisa, faltou muito, e é política da Secom(secretaria de economia) da prefeitura de Belém, já que tem uma fila imensa de pessoas que precisam de box em mercados municipais aqui em Belém, porém Sônia era permissionária naquele mercado há 26 anos, ela me diz que criou as filhas que hoje em dia são formadas só com o dinheiro que ela conseguia trabalhando no mercado. Esse box era muito importante para ela, e até hoje ela não desistiu.



pixo digital,2019.

São muitas mulheres que eu pude passar a vida falando das nossas relações, mas é uma dissertação né (rs). Junto a exposição produzi um livro de artista, que além de mim, tem a colaboração de mais mulheres artistas que também tem um trabalho com/no porto do sal, são elas: Maria Paula, Paloma Costa e Pâmela Carneiro com fotografias e Ana Rita com bordado, e nesse livro além das minhas fotos e das delas, temos poesias e muitas coisas, vou pensar se deixo um anexo do livro na dissertação(rs) porque não é o foco, mas , é um trabalho que eu gosto muito porque o feedback delas todas é a razão da minha felicidade até hoje, e foi quando entendi a potência real do meu trabalho e história de vida na arte até hoje, além de a gente ficar bem mais amigas, e bem mais sintonizadas, elas aprenderam a fotografar com celular, e poder se “selfar” e usar melhor o whatsapp (rs).

Além do trabalho em si, a própria ocupação do mercado na exposição foi outro trabalho artístico, onde pude conectar as minhas amigas do bairro, como a Renata que fez a apresentação musical, junto com Josh que é

um grande amigo juntos fizeram uma apresentação do Sinos de Alamanda que é uma banda que inclusive começou por causa desse projeto, a Jennepher que é uma artesã que é uma grande amiga também, e que fez a encadernação artesanal do livro, e o layout expositivo da minha best friend Verônica, que não podia faltar. Foi muito bom poder pagar as pessoas que estiveram no projeto, poder reunir meus amigos de lá e de cá, além de ter sido a primeira vez que a minha mãe foi ver uma exposição minha, na verdade um trabalho meu (rs) Desde aí, ela começou a me entender e respeitar mais como artista, quando viu e comentou de tudo que eu tinha conseguido fazer, dos meus amigos e amigas curtindo e se sentindo bem em toda situação, ver que eu sou uma pessoa querida no meu trabalho de vida, isso transformou a cabeça dela comigo. Segue aqui o texto de uma matéria que saiu no online sobre o meu trabalho, e que eu gostei muito da perspectiva do repórter, apesar claro de alguns problemas nas palavras (rs), foi bom ter uma opinião externa sobre o trabalho.

A Partir das experiências vividas trabalhando com mulheres em seu percurso como uma das fundadoras do Aparelho – coletivo de artistas paraenses que concentra suas atividades no Porto do Sal, a artista Débora Oliveira realiza no próximo domingo (19) a exposição fotográfica ‘Terra Inundada é o meu Coração’. O trabalho, construído a partir de fotografias feitas com celular, terá lugar na sede do coletivo, na Cidade Velha. A entrada é gratuita. A exposição reúne elementos da pesquisa visual e material feita com um grupo de mulheres – moradoras e trabalhadoras da região – sobre o cotidiano nos arredores de um dos locais mais antigos da capital paraense. Com pouco dinheiro no bolso e muitas ideias na cabeça, Débora Oliveira desenvolveu uma narrativa a partir de fotografias feitas com dispositivos móveis. O resultado é surpreendente. A artista mostrou às participantes que, mesmo com um celular, é possível se fazer arte. Manipulando as fotos com um programa de edição também no celular, o grupo criou uma narrativa ficcional que deu a identidade ao projeto. “Sabemos que a arte se encontra muitas vezes em um lugar muito elitizado e não podemos nos conformar com isso. Fizemos tudo a partir do pouco que estava acessível, e esse pouco se torna muito quando estamos em coletividade, nos colocando como protagonistas da arte, trazendo juntas essas pessoas que têm relação de pertencimento com o lugar”, diz. O projeto foi contemplado pelo edital de Produção e Difusão Artística da Fundação Cultural do Pará. Para Débora, o resultado final do trabalho foi fundamental para aumentar a autoestima das participantes e de todos os envolvidos. “Todas somos amigas e fizemos o trabalho juntas, eu fazendo as fotos e depois conversando com todas sobre a edição. Queremos mostrar como as mulheres podem se tornar protagonistas também, mesmo com poucos recursos é possível alcançar um grande resultado, e a exposição está aí para mostrar isso. Estamos muito felizes”, diz. Autor: Igor Reis 17/01/2020, 23:49.

Agora, vou colocar aqui as fotos da Pâmela Carneiro, de 2019, que é uma grande amiga, minha parceira também, que além de participar do livro foi a fotógrafa oficial do evento, e que me ajudou nas conversas no mercado, afinal compartilhamos muitas questões com relação a arte e a nossa atuação no Aparelho. As fotos delas são muito importantes e que é uma pessoa que participou do processo, que conhece as pessoas, e quem tem uma relação direta com o lugar.

“lar é onde o coração se aconchega”











bengola n'ativa

Essa proposta nasce também em um tempo anterior a pandemia, era um edital voltado para a produção cultural de grupos periféricos, porém a gente foi invadido com a pandemia, e tudo saiu do lugar. Era o primeiro projeto coletivo em que eu era proponente, e foi bem difícil com a pandemia, a gente acertar a cabeça e pensar na execução do projeto.

O nosso grupo do Bagé Cultural era a galera do bairro, as pessoas que menciono anteriormente com quem já me relacionava, Vanessa, Marcelo, Renata. E a gente sempre dividiu esse sonho de poder falar de nós para nós, de movimentar o bairro, de ter grana pública para fazer o que a gente já fazia de graça, em tantos outros projetos que a gente desenvolvia, que nem vou enumerar aqui que vai ficar imenso (rs). O Bagé Cultural é uma referência ao ônibus que rodava do Bengui para o centro, foi o primeiro ônibus do bairro e o único durante um tempo, a gente gostava dessa ideia, e

inclusive junto com a Mina a gente já tinha feito evento com esse nome. O que era legal era justamente a ideia da coletividade, de juntar tudo, de ir junto. Isso animava a gente. Dentro do bairro na época que existia esse ônibus rolavam muitas críticas e foi motivo de luta comunitária, porque o povo se apertava todo naquele único transporte, a gente tem até charge de jornal comunitário dessa época. Enfim, era uma representatividade de luta, o Bagé foi muito importante para toda a estrutura do bairro, social, econômica e política. O povo começou a cobrar a prefeitura, os políticos, rolava assembleia pública, era uma movimentação bem bacana, onde emergiram várias lideranças comunitárias que estão na ativa até hoje, e que são responsáveis por algumas entidades que compõem o bairro desde que, eu me entendo por gente tem essa trajetória política muito marcada, por esse movimento de esquerda que era forte nos anos 80, eu peguei o finalzinho já no final da adolescência, participei de grupos e me fortaleci justamente nessas convivências, que fazem parte da minha história com a arte, com a militância na luta pelos direitos básicos do bairro.



Arte criada pela artista e design Amanda Barros para o projeto em 2020.

O Bengui era uma invasão, assim como a maior parte de Belém, a galera lutou para ter escola, posto de saúde, delegacia, asfalto, simplesmente tudo é resultado de muita luta, que a galera mais jovem acaba nem sabendo. A gente queria que essas histórias fossem visíveis, e quem melhor do que quem estava lá, do que os movimentos e grupos para contar essas histórias. Assim, nasce o Bengola N'Ativa, que é essa proposta de agitar o bairro, produzir cinema, fazer formação. Eu conhecia uma galera das artes, do audiovisual. A gente conseguiu escrever e executar esse projeto que foi e é muito importante para gente, e com a ajuda do cine diáspora nas figuras de Luana e Rafael, que fazem um movimento de audiovisual negro, foram eles que propuseram as formações e a gente fez a produção, divulgação e tudo mais, mas nesse meio teve a pandemia, e foi bem difícil, apesar dessa grana ter sido a que nos ajudou a segurar a barra durante um tempinho. Foi muito bom poder trabalhar com arte e com a minha galera do bairro, era uma coisa que sempre quis fazer. Não precisar sair do meu lugar para trabalhar com arte, de poder produzir de dentro para dentro. Já que eu tive acesso a aprender muita coisa fora, já passava da hora de voltar meus aprendizados para os meus.



Arte criada pela artista e design Amanda Barros para o projeto em 2020.

O projeto Bengola N'Ativa, contemplado com o Prêmio Preamar de Cultura e Arte, da Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECULT) 2020. Proporcionou às entidades e lideranças culturais do bairro do Bengui, a possibilidade de aprender e produzir em audiovisual a narrativa da sua própria história. Proporcionando a preservação e difusão de grupos com mais de 15 anos de história, e tornando esses agentes multiplicadores dentro da linguagem do audiovisual. Que proporcionaram um maior alcance a longo prazo de iniciativas que motivem jovens e adolescentes do bairro, a mostrar pro mundo através da linguagem cinematográfica suas experiências através de documentários. A documentação audiovisual dessas entidades é de extrema importância para a preservação e difusão da memória coletiva de um povo e sua cultura, e o projeto veio nessa perspectiva, dispondo esse material audiovisual para fins educativos / sociais e artísticos, de memória e patrimônio imaterial de grupos nativos do bairro. Para que o legado desses grupos não seja esquecido é necessário que narrativas positivas sejam pontuadas e mostradas para as novas gerações.



foto Lua Leão, 2020. Rafael, Marcos ,Marcelo, Luana, Luís, Pâmela, Larissa, Renata, Thiago, Vanessa, Aline.



Arte criada pela artista e design Amanda Barros para o projeto em 2020.



Arte criada pela artista e design Amanda Barros para o projeto em 2020.

O Bagé Cultural é um grupo que tem esse objetivo de ser um guarda chuva para que o grupo de atores culturais do Bengui possa se fortalecer, e sempre acionar nosso currículo, projeto e os equipamentos que conseguimos em editais. Para facilitar a nossa entrada em seleções públicas.

epílogo

Segundo essa compreensão que vem da escuta e pesquisa de Katiúscia Ribeiro 2019, a ideia de que ancestrais trouxeram em seu dna essa partilha e cosmovisão, e que mesmo com a escravização e epistemicídios do povo de diáspora, ainda permanece em nosso dna, e que seria o responsável pelas estratégias de sobrevivências tecidas por nós aqui em diáspora amazônica. Essas ancestrais escravizadas trouxeram a genética ancestral da partilha parte do útero feminino, que é um conceito de Ìyá. Quando chegam ao Brasil através das confluências, essas experiências compreendem o corpo principalmente dessas mulheres e de homens, de como a sociedade africana se organizava.

Como as populações negras aqui no Brasil se organizaram nessa África global? Não se perderam e sobreviveram por causa da cosmovisão, das águas matriciais primeiras, das práticas espirituais, Oxum, fertilidade e manutenção. Sendo um referencial de luta e existência a partir dessa matricomunidade. ...[“Trazendo em seu corpo essa espiritualidade africana e experiência que se compreende no corpo das mulheres de como a sociedade africana se organizava”], Njeri 2012. É justamente nessa compreensão que entendo essas estratégias tecidas por mulheres e homens marginalizados socialmente, esse grupo em que me encontro e onde cresço e aprendo valores que vem dessas tecnologias ancestrais de sobrevivência, e elas que me dimensionam na forma de lidar, e integrar os meios. Através diretamente da convivência familiar que eu como qualquer criança/pessoa traz seu referencial de mundo, de existência. Essa matripotência é uma força espiritual que é indicada não só pelo gênero, como a nossa sociedade

aprende a enxergar, mas em práticas de cuidado e manutenção coletivas, que são traços inegáveis de comunidades periféricas, comunidades ribeirinhas, os nossos territórios, que são nossa herança genética de África, como Lélia lança o conceito de amefricanidades.

São por essas trajetórias anteriores, essas forças espirituais, memórias ancestrais de sobrevivência, que aqui teço todos esses diálogos e narrativas. Arte periférica só existe nessa imanência de nossa ligação.

primavera

Don L (part. Giovani Cidreira e Rael)

Que mundo errado que nos separou de nós

Eu nunca soube reparar as estações

Nessa de céu não poder parar

Sem sentir ficar pra trás

Uma temporada ou mais

De desilusões

Na luta pra ninguém silenciar nossa voz

Voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs

A nossa terra fértil foi vencendo o concreto

O nosso reflorestamento erguendo-se em fé

E eu

Eu que sou de onde a miséria seca as estações

Vi a primavera

Florescer entre os canhões

E não recuar (lararara rara)

Eu que sou de guerra

Dei o sangue na missão

De regar a terra

Se eu tombar vão ser milhões pra multiplicar (lararara rara)

A única luta que se perde é a que se abandona e nós nunca

Nunca abandonamos luta

Nunca nunca

Hay que endurecer sem nunca sem nunca perder a ternura

Meu swagg, meu estilo, eles não vão ter

Nunca, nunca

Lararara rara

A guerra que nos reaproximou de nós

É a mesma que me pôs a repensar meus sonhos

O quanto neles era só publicidade?

Fazendo acreditar que eram meus próprios planos

Medo de fazer meus próprios planos serem

Nossos planos mesmo que eu tombe antes de vê-los

Agora vendo florescerem

Inevitavelmente eu sei que estarei lá

No dia que eles finalmente cheguem

Um dia desse eu tava meio cabreiro

Sem saber o que pode me acontecer

E não ver o fruto que eu plantei em algum janeiro

Mas tive um relampejo de que já estão aí

*E a gente pode ser feliz agora mesmo
Apesar da batalha, o pente cheio
As tecnologias ancestrais nós temos
Pra induzir o sonho dentro de um pesadelo
Entre um traçante e outro
Dilatar o tempo e imaginar um mundo novo*

 06. Don L - primavera part. Rael e Giovani Cidreira - Roteiro Pra...

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HOOKS, Bell. "Recusando-se a ser uma vítima: obrigação e responsabilidade." *Texto traduzido* (1996).

NASCIMENTO, Beatriz. "Todas (as) distâncias: poemas, aforismo e ensaios." *RATTS, Alex* (2015).

HOOKS, Bell. Teoria feminista. Editora Perspectiva SA, 2020.

WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

HOOKS, Bell. "Vivendo de amor." *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe 2* (2010): 188-198.

WEYL, Francisco. Cenas poéticas da Marambaia. Dissertação de Mestrado, Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

HOOKS, Bell. Teoria feminista. Editora Perspectiva SA, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

OYÊWUMÍ, Oyérónké "Matripotência: iyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [lorubás]." Trad. de Wanderson Flor do Nascimento (2020).

NJERI, Aza, and Katiúscia Ribeiro. "Mulherismo africana: práticas na diáspora brasileira." *Currículo sem fronteiras* 19.2 (2019): 595-608.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz Companhia das Letras, 2020.

AMADOR DE DEUS, Zélia. "O corpo negro como marca identitária na diáspora africana." CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Vol. 11. 2011.

MALOMALO, Bas'llele. "Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento." Curitiba: CRV (2014).

PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

NJERI, A., & Ribeiro, K. (2019). Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. Currículo sem fronteiras, 19(2), 595-608.

CONRADO, Mônica, Marilu Campelo, and Alan Ribeiro. "Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense." Afro-Ásia 52 (2015): 213-246.

GONZALES, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, Batalha de Ideias, n. 1, 2011.

HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor não desmantelam a casa grande (1979). In: Textos escolhidos de Audre Lorde. Difusão Herédita: edições lesbofeministas independentes, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Arte e Ensaios – Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 32, p. 123-151, dez. 2016.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

DO NASCIMENTO, Wanderson Flor. Em torno de um pensamento oxunista: Ìyá descolonizando lógicas de conhecimento. Revista de Filosofia Aurora, v.

33, n. 59, 2021.

HOOKS, Bell. "Recusando-se a ser uma vítima: obrigação e responsabilidade." Texto traduzido (1996).

OYEWÙMÍ, Oyèrónké, Leonardo de Freitas Neto, and Osmundo Pinho. "Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos." *Novos Olhares Sociais* 1.2 (2018): 294-317.

ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, p. 743-753, 2009.

RATTS, Alex. "Eu sou atlântica." *Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo, Imprensa Oficial (2006).

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Editora

COSTA, Claudia de Lima; **ALVAREZ**, Sonia E. A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 579-586, 2013. Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

ALVAREZ, Sonia E. et al. Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, p. 541-575, 2003.

SITES VISITADOS

<https://www.youtube.com/watch?v=4DGQUE9CYYY/>. Acesso em 19 de Outubro de 2020.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: Geledés, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor/>. Acesso em: 24 out. 2020.

<https://www.geledes.org.br/katiuscia-ribeiro-explica-o-mulherismo-africana-proposta-emancipadora/> 59/. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

<http://www.pordentrodaafrica.com/educacao/as-politicas-de-branqueamento->

1888- 1920-uma-reflexao-sobre-o-racismo-estrutural-brasileiro/. Acesso em: 23 de abril de 2021.

2018.https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=4460&limit=20/. Acesso em: 03 de julho de 2021.

I Vozes Negras na Filosofia - Mesa 1 com Katiúscia Ribeiro e Renato Nogueira/. Acesso em: 03 de abril de 2022.